



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC
CAMPUS DE BAURU – SP
BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

CAROLINE MAZZER DE SOUZA

**JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL NA INTERNET:
O CASO DO PARTICIPATÓRIO - OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO
DA JUVENTUDE**

BAURU
2018

CAROLINE MAZZER DE SOUZA

**JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL NA INTERNET:
O CASO DO PARTICIPATÓRIO - OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA
JUVENTUDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial à obtenção do Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Caroline Kraus Luvizotto.

BAURU
2018

CAROLINE MAZZER DE SOUZA

**JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL NA INTERNET:
O CASO DO PARTICIPATÓRIO - OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA
JUVENTUDE**

Aprovado em: ___/___/___

Banca examinadora:

Orientadora: Prof. Dra. Caroline Kraus Luvizotto.
Departamento de Ciências Humanas – FAAC – Unesp

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente
Departamento de Ciências Humanas – FAAC - Unesp

Juliano Ferreira de Sousa
Mestre em Comunicação

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família, por acreditarem que eu seria capaz de entrar na UNESP, e por não medirem esforços para que eu realizasse esse sonho.

Gostaria de agradecer a Angelo Tezoto, por estar comigo desde sempre. Obrigada por atender minhas ligações no meio da madrugada, por não me deixar desanimar, e sempre me ajudar a superar minhas dificuldades e angústias.

Gostaria de fazer um agradecimento especial a minha colega Geizi Polito. Obrigada por ter se sentado ao meu lado no primeiro dia de aula, e por não ter saído mais de perto de mim durante toda nossa jornada rumo à graduação. Obrigada por me ouvir sempre e pelos conselhos, ajuda e carinho.

Gostaria de agradecer também a minha orientadora Caroline Luvizotto, a qual confiou em mim e me deu a oportunidade de realizar esse trabalho. Obrigada por toda ajuda e compreensão.

Por fim, gostaria de agradecer a UNESP e toda sua equipe, principalmente ao corpo docente. Com certeza, cada professor que tive a oportunidade de conhecer teve um papel essencial em minha formação e também em minha vida pessoal, pois me ajudaram a ver o mundo sobre uma nova perspectiva, contribuindo para que eu me tornasse não somente uma boa profissional, mas também uma pessoa melhor.

*Com lágrimas nos olhos e no peito um misto de sentimentos,
dedico este trabalho a minha família,
que concedeu um apoio imensurável em toda minha jornada.*

RESUMO

O conceito de participação é muito anterior à internet, mas com o advento da rede mundial de computadores e, sobretudo, com as ferramentas da segunda geração da web, a web 2.0, foi possível criar um novo espaço de comunicação e participação online. Nesse contexto, o objeto de estudo deste artigo é o website *Participatório – Observatório Participativo da Juventude*, que foi criado em 2013, como resposta às manifestações ocorridas no mesmo ano no Brasil. Este estudo procura refletir sobre a utilização da internet para ações de participação política e social dos jovens no Brasil, a partir do exemplo do Participatório, no contexto da participação online, buscando verificar sua abrangência e performance. Para tanto, se usou a metodologia exploratória, com o intuito de fazer o levantamento bibliográfico necessário para a produção dos três primeiros capítulos. O método qualitativo também foi usado, para analisar e descrever as ferramentas do Participatório e o grau de engajamento e interação do público com o portal. Com base nos dados, foi possível concluir que apesar de a plataforma favorecer a participação político-social dos jovens, ela possui limitações de acessibilidade e navegabilidade, e dessa forma, suas ferramentas não são utilizadas em sua potencialidade.

Palavras-chave: Juventude; Participação político-social; Internet; Participatório – Observatório Participativo da Juventude.

ABSTRACT

The “participation” concept is much older than the internet, but with the computer global network advance and especially the web second generation tools, (web 2.0) it was possible to create a new space for online communication and participation. In this context, the object of study of this article is the *Participatory – Youth Participative Observatory* website, which was created in 2013 in response to the Brazilian manifestations that occurred in the same year. This study aims to reflect upon Internet usage in actions of political and social participation of young people in Brazil, based on the example of Participatory in the context of online participation, seeking to verify its range and performance. For that, the exploratory methodology was used with the intention of making the bibliographic survey necessary for the three first chapters production. The qualitative method was also used to analyze and describe the Participatory tools and the degree of public engagement and interaction with the portal. Based on the data, it was possible to conclude that although the platform favors the socio-political participation of the young people, it has limitations of accessibility and navigability so that, consequently, its tools are not used to their full potential.

Keywords: Youth; Political-social participation; Internet; Participatory – Youth Participatory Observatory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Estrutura da Monografia.....	12
2 METODOLOGIA	14
3 DESENVOLVIMENTO	15
3.1 PARTICIPAÇÃO: CONCEITOS, FERRAMENTAS, COMUNICAÇÃO E INTERNET	15
3.1.1 O que é participação?.....	15
3.1.2 Participação no Brasil: breve histórico.....	17
3.1.3 Níveis e formas de participação.....	18
3.1.4 Sociedade, democracia e comunicação: como participar?.....	19
3.1.5 Participação online: ativismo e movimentos sociais.....	23
3.2 MOBILIZAÇÃO DA JUVENTUDE	26
3.2.1 Juventude: uma categoria social.....	26
3.2.2 Histórico de mobilização e participação da juventude brasileira.....	27
3.2.3 Juventude e participação: protagonismo jovem e demandas juvenis.....	28
3.2.4 Participação dos jovens em questões sociais no Brasil: exemplos atuais.....	32
3.2.5 Juventude conectada: acesso à internet no Brasil.....	34
3.3 CARACTERÍSTICAS DA WEB 2.0	39
3.3.1 O que é web 2.0?.....	40
3.3.2 Inteligência coletiva.....	41
3.3.3 Comunidades virtuais.....	42
3.3.4 Tags, hiperlinks, redes sociais, compartilhar, curtir e comentar.....	43
3.4 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DO PARTICIPATÓRIO	55
3.4.1 Sobre o Participatório.....	55
3.4.2 Análise descritiva: ferramentas do site.....	57
3.4.3 Análise qualitativa: comparação entre os objetivos e os resultados atuais.....	77
3.4.4 Discussões.....	80
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tags no site Participatório.....	44
Figura 2 – Tag "Banner" Participatório	45
Figura 3 – Hiperlink "Saiba Mais" no Participatório.....	46
Figura 4 – Redes Sociais – Secretaria Nacional da Juventude.....	47
Figura 5 – Facebook Secretaria Nacional da Juventude.....	48
Figura 6 – Redes Sociais do Participatório.....	49
Figura 7 – Redes Sociais do Participatório – compartilhar.....	50
Figura 8 – Compartilhar página nas redes sociais.....	51
Figura 9 – Divulgue esta página.....	52
Figura 10 – Botões curtir e não curtir Participatório.....	53
Figura 11 – Comentários Participatório.....	54
Figura 12 – Menu principal Participatório.....	58
Figura 13 – Participatório no portal da SNJ.....	60
Figura 14 – Menu do Participatório 2017.....	61
Figura 15 – O que é – Participatório 2017.....	62
Figura 16 – Notícias – Participatório 2017.....	63
Figura 17 – Biblioteca Digital – Participatório 2017.....	64
Figura 18 – Centro de Documentação – Participatório 2017.....	65
Figura 19 – Erro Revista Eletrônica – Participatório 2017.....	66
Figura 20 – Boletim Juventude Informa Participatório 2017.....	67
Figura 21 – Conteúdo da Rede de Pesquisadores.....	68
Figura 22 – Número de Pesquisadores no Participatório.....	69
Figura 23 – Parceiros do Participatório.....	69
Figura 24 – Entrar em contato com os administradores do site.....	70

Figura 25 – Ferramenta Debates – Participatório 2014.....	71
Figura 26 – Ferramenta Debates – Participatório 2017.....	72
Figura 27 – Acesso negado – Ferramenta Divulgue esta página.....	73
Figura 28 – Facebook do Participatório em 2014.....	74
Figura 29 – Facebook Participatório 2017: página indisponível.....	75
Figura 30 – Conta do Twitter do Participatório.....	75
Figura 31 – Canal do YouTube do Participatório.....	76
Figura 32 – Imagem antiga de cabeçalho.....	82
Figura 33 – Nova imagem de cabeçalho.....	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças entre a web 1.0 e a web 2.0.....	40
Quadro 2 – Dados Participatório nas redes sociais em janeiro de 2014.....	76
Quadro 3 – Dados Participatório nas redes sociais em 2017.....	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Uso da Internet por grupo de idade – Brasil 2013 a 2015.....	36
Gráfico 2 – Tipo de equipamento utilizado para acessar à internet em domicílios.....	37

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho é o site *Participatório: Observatório Participativo da Juventude*. O portal foi criado sob responsabilidade da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) – ligada à Secretaria-Geral da Presidência da República (SGPR), órgão do Governo Federal –, e tem a proposta de canalizar a participação da juventude. O projeto de criação do Participatório teve seu início por volta de outubro de 2011, mas seu lançamento oficial ocorreu no dia 17 de julho de 2013, quando aconteciam no Brasil uma série de manifestações, lideradas sobretudo pela juventude, que vivia uma crise de representação política.

Assim, pode-se dizer que o Participatório foi resposta do Governo Federal às demandas populares, e deste modo, o site foi lançado com o intuito de “dialogar” com os jovens que se manifestavam on e off-line, evidenciando a sua insatisfação com a vida política.

E para analisar o portal Participatório no contexto da participação político-social na internet é necessário compreender alguns fenômenos relacionados à participação e mobilização da juventude. É imprescindível saber qual a importância da participação ativa para a formação cidadã, entender qual a real importância de fazer parte de algo e quais ferramentas são necessárias para conseguir participar efetivamente.

Mas afinal, o que é participação? A participação pode ser entendida como uma necessidade inerente ao ser humano, já que este se constitui como um ser social. Desta forma, para que as pessoas se reconheçam como sujeitos operantes na sociedade, elas precisam participar, ou seja, fazer ou tomar parte de algo (BORDENAVE 1983). Além disso, a participação social também pode acontecer devido à interesses políticos. Assim, a participação cidadã pode ser vista como o conjunto de ações coletivas, que são realizadas em diferentes níveis com o intuito de gerar melhorias. Desse modo, os cidadãos constituem-se como atores sociais, que expressam seus interesses e necessidades.

E, a respeito do processo de participação e mobilização social, deve-se dar um destaque especial para o “protagonismo jovem” (COSTA 2000), e analisar a juventude enquanto uma categoria social e operante na sociedade. Afinal, a juventude não é apenas uma fase de passagem para a vida adulta. Ela engloba diversos processos, desde a formação de valores, até a construção de sua própria identidade.

Dessa forma, se torna necessário analisar a juventude como uma categoria social, para só então poder compreender como ela se manifesta e participa social e politicamente. E ao se analisar o histórico de participação e mobilização da juventude, se verifica que os jovens

sempre participaram ativamente, contudo, essa participação vai adquirindo novas formas de atuação ao longo do tempo e das transformações socioculturais.

Uma poderosa ferramenta que ajudou a facilitar o processo de participação é a internet, pois o ciberespaço modifica as formas de interação entre os cidadãos, já que barreiras do tempo e espaço são rompidas (BARNETT 1997). Além disso, com o avanço tecnológico a internet sofreu transformações, que constituíram suas eras.

E, enquanto na primeira fase da internet, a web 1.0 era caracterizada por ser informativa, a web 2.0 (termo atribuído a Tim O'Reilly em 2004) renova as formas de comunicação ao proporcionar uma interatividade nunca vista anteriormente. Nesta fase da web, é possível que o usuário interaja com os outros usuários, e também com o próprio site, por meio de ferramentas como botões de comentar, curtir e compartilhar. Deste modo, pode-se dizer que a web propiciou uma nova forma de participação: a participação online, em que os grupos sociais podem usar o ciberespaço como uma plataforma importante para expressar suas demandas políticas e sociais. Assim como evidencia Diniz e Caleiro (2011):

Os avanços das NTICs e o crescimento exponencial da rede das redes acabam por configurar uma nova finalidade do espaço digital, que vai além da produção de conhecimento, proporcionando o exercício da democracia participativa (ainda que no mais das vezes não institucionalizada) através da formação e atuação de movimentos sociais. Utilizado de maneira progressiva por ONGs e por cidadãos comuns, o ciberativismo é, por excelência, um meio precípuo de fomentar o exercício da cidadania na rede e de pressionar governos e corporações a promoverem ações a partir de vozes atomizadas que se somam acerca de um interesse comum, geralmente causas de cunho social, político ou ambiental (DINIZ E CALEIRO, 2011, p. 42)

E alguns exemplos importantes do uso da internet como um canal de participação e mobilização social, são a Primavera Árabe e as Manifestações ocorridas em junho e julho de 2013 no Brasil. No caso da Primavera Árabe, a mídia social e as tecnologias móveis potencializaram o movimento, atuando como mecanismos facilitadores do processo de comunicação e difusão de informações, criando assim, uma mobilização online (VIEIRA, 2013). Já, nas manifestações ocorridas no Brasil, as redes sociais foram ferramentas importantes para marcar encontros e convocar um grande número de pessoas a irem protestar nas ruas.

Deste modo, fica evidente a importância das NTIC – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação para a participação e mobilização online, sobretudo, da juventude brasileira. Daí a importância do website Participatório, como sendo uma plataforma de participação online da juventude do país. Neste sentido, este estudo procura refletir sobre a

utilização da internet para ações de participação política e social dos jovens no Brasil, a partir do exemplo do website Participatório, no contexto da participação online, buscando verificar sua abrangência e performance.

E para obter resoluções acerca do objeto de estudo apresentado, optou-se por uma vertente metodológica de abordagem qualitativa. O site Participatório foi analisado sob a ótica qualitativa, quando se pretende verificar questões de engajamento e usabilidade do portal. Além disso, também se usou a metodologia exploratória (GIL 1987), com a qual foram feitos levantamentos bibliográficos com o intuito de compreender conceitos-chave, tais quais: participação; participação online; estratégias de participação política e social da juventude brasileira e, por fim, a configuração da internet, suas ferramentas, e a possibilidade de participação proporcionada por elas.

Em suma, a análise dos dados foi realizada de modo que permitiu inicialmente a apreensão de informações globais que possibilitam conhecer o material, e posteriormente, identificar as de unidades de conteúdo a partir dos documentos e bibliografia. Com base no referencial teórico adotado, foi então possível fazer a interpretação dos resultados obtidos, e descrever e analisar o Participatório no contexto da participação online, verificando sua abrangência e performance e estimando o seu potencial como um ambiente digital que liga a juventude brasileira e o governo federal.

1.1 Estruturação da Monografia

No primeiro Capítulo da pesquisa, intitulado: “Participação: Conceitos, Ferramentas, Comunicação e Internet”, são apresentados autores como Bordenave, Demo, Ammann, entre outros, com o intuito de evidenciar o conceito de participação. A partir disso, neste capítulo também é feita uma breve contextualização histórica da participação no Brasil. Posteriormente são apresentados níveis e formas de participação e, por fim, o capítulo termina falando da participação na web, ou seja, a participação online, e trabalha o ativismo e os movimentos sociais no ciberespaço.

No capítulo II, busca-se falar sobre a participação político-social da juventude. Nessa perspectiva, se apresenta a juventude não apenas enquanto uma faixa etária, e sim como uma categoria social. Posteriormente, para se falar do protagonismo jovem, é feito um breve histórico da participação e mobilização da juventude brasileira. O capítulo se encerra abordando os jovens e a internet, evidenciando alguns dados sobre o acesso à internet no Brasil, e revelando a juventude conectada do país.

Aproveitando o gancho da internet, o capítulo III aborda especificamente a web 2.0 e suas características. Assim, nesta parte da pesquisa é evidenciado o que é a web 2.0, e são esclarecidos conceitos desse meio, tais como: inteligência coletiva e comunidades virtuais. Por fim, são evidenciadas algumas ferramentas da web 2.0, como tags, hiperlinks, redes sociais, e botões como compartilhar, curtir e comentar.

Em suma, nestes três primeiros capítulos é feita uma conceituação teórica com o intuito de evidenciar e compreender conceitos base para a pesquisa. A partir disso, é feito o capítulo 4, que busca analisar e descrever o objeto de estudo, o site Participatório. Na primeira etapa, é feito um levantamento histórico sobre o site, abordando dados de sua criação e buscando evidenciar o que motivou sua criação e quais objetivos o site propõe. Posteriormente, é feita uma análise descritiva da plataforma, que visa descrever uma a uma as atuais ferramentas do site, e em sequência, foi possível fazer uma análise qualitativa do Participatório, na qual se comparou os objetivos do site desde sua criação, e os resultados atuais coletados. Por fim, o capítulo termina trazendo algumas discussões consideradas pertinentes pela pesquisadora, e que não foram elencados durante a análise do site.

Nas considerações finais, houve um esforço no sentido de retomar autores citados e suas teorias, com o intuito de entrelaçá-los com os resultados da análise e as proposições iniciais da pesquisa.

2 METODOLOGIA

- Método de abordagem

A proposta inicial de abordagem para essa pesquisa previa uma pesquisa quali-quantitativa. Contudo, optou-se por utilizar apenas a abordagem qualitativa, já que durante a coleta dos dados se verificou que o Participatório apresentava um número restrito de conteúdos, como comentários e etc. Dessa forma, optou-se apenas pelo uso da abordagem qualitativa, visando não a quantidade de informações, e sim buscando descrever e interpretar o conteúdo presente na plataforma.

- Métodos de procedimento e Técnicas de pesquisa

Na primeira etapa do estudo se pretendeu usar a metodologia exploratória para fazer o levantamento bibliográfico necessário para compreender e analisar conceitos fundamentais para a pesquisa, tais quais: participação e de participação online, bem como, as estratégias de participação política e social da juventude brasileira. Ainda, esta parte da pesquisa buscou explicar a configuração da internet, das ferramentas, da arquitetura e da participação proporcionada por elas. Esta pesquisa bibliográfica buscou textos e estudos na base de Periódicos da Capes, em bases de dados de pesquisas científicas, nos periódicos disponibilizados pela Unesp, assim como nas bibliotecas universitárias.

Já a segunda etapa da pesquisa foi feita em relação ao esforço metodológico de descrever a arquitetura do Participatório, no âmbito da estrutura do site, que é onde se encontra o conteúdo. Foram feitas análises qualitativas com o intuito de vislumbrar os elementos de organização, de busca, de interface, e de distribuição e disseminação da informação, atentando-se a itens como: hyperlinks internos e externos; ferramentas de busca; presença de imagens; presença de vídeos; visualização gráfica de informações; ferramentas de compartilhamento em redes sociais e etc. Por fim, a descrição do ambiente e a compreensão do funcionamento de suas ferramentas colaborativas e interativas serviu de base para analisar a qualidade da participação online no Participatório.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 PARTICIPAÇÃO: CONCEITOS, FERRAMENTAS, COMUNICAÇÃO E INTERNET

3.1.1 O que é participação?

A palavra participação tem sido muito utilizada. Nos mais diversos setores, somos chamados a participar de alguma forma. Seja para participar da reunião de moradores do bairro, de uma reunião importante no trabalho, ou até mesmo de assembleias políticas. Mas qual o significado efetivo de participação?

De acordo com o dicionário *Michaelis*, participação nada mais é do que o ato ou efeito de participar. Contudo, para se fazer parte de algo são necessários alguns requisitos. É imprescindível saber qual a importância da participação ativa para a formação cidadã, e entender qual a real importância de fazer parte disso, quais ferramentas são necessárias e etc.

A respeito da participação cidadã, pode-se entender as ações coletivas realizadas em diferentes níveis com o intuito de trazer ideias e melhorias. Várias dessas ações ocorrem porém, devido a uma crise do Estado, que tem dificuldade em responder efetivamente às demandas sociais, sobretudo das classes mais baixas. Assim, se verifica a necessidade da participação na sociedade, como forma dos cidadãos constituírem-se como atores sociais e políticos, expressando seus interesses e necessidades.

E um dos principais efeitos da participação popular, é que ela pode se tornar uma poderosa ferramenta política em favor à democracia e dos interesses dos cidadãos. Assim como afirma Habermas (1983, p. 376), “a participação política é um elemento propulsor do difícil e incerto caminho da humanidade em direção a sua própria emancipação”. E apesar de muito ter-se ouvido sobre a importância de participar ativamente, esse interesse muitas vezes deixa de vir acompanhado da teoria do que é efetivamente participação, quais suas dinâmicas e porque ela passou a ser tão discutida na atualidade.

De acordo com o autor do livro *O que é participação* (1983), Juan Dias Borndenave, a participação coletiva faz parte da sociedade atual, por ser um movimento de reação ao individualismo e a alienação gerados pelas revoluções industriais e pelo avanço tecnológico que instituiu os veículos de comunicação de massa.

É como se a civilização moderna, com seus enormes complexos industriais e empresariais e com seus meios eletrônicos de comunicação massiva, tivesse levado os homens primeiro a um individualismo massificador e atomizador e, mais tarde, como reação defensiva frente a alienação crescente, os levasse cada vez mais à participação coletiva (BORDENAVE, 1983, p.7).

A participação coletiva é essencial para manter a democracia e fazer com que o governo aja e as leis sejam feitas de acordo com os interesses do povo. Daí a necessidade da união dos cidadãos para juntos somar forças e assim conseguir defender o interesse coletivo. Isso fica evidente na teoria política de Rousseau (1978, p. 55): “As leis não são, propriamente, mais do que as condições da associação civil. O povo, submetido às leis, deve ser o seu autor. Só aqueles que se associam cabe regulamentar as condições da sociedade”. Assim, se pode dizer que a própria democracia pode ser vista como um estado de participação como afirma Bordenave (1983, p. 8) “Democracia é um estado de espírito e um modo de relacionamento entre as pessoas. Democracia é um estado de participação”.

Mas a busca pela participação não vem apenas de necessidades políticas. O ser humano, por viver em sociedade, constitui-se portanto, naturalmente, um ser puramente social e que deste modo, tem como essência a necessidade de participar, fazer parte. A participação ajuda o indivíduo na construção de sua própria identidade e no reconhecimento deste como um sujeito operante na sociedade.

Bordenave (1983, p.16) explica que: “a participação é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, e ainda, a valorização de si mesmo pelos outros”. E ela pode ocorrer desde um nível micro, até um nível macro que seria a participação social. “(...) a palavra participação vem de parte. Participação é fazer parte, tomar parte ou ter parte”.

Segundo esse pensamento, o cidadão pode apenas fazer parte, mas deve também tomar parte, interferindo assim, de forma consciente e crítica nas decisões, participando, desse modo, de maneira realmente plena. Isso fica evidente na obra *Política social, educação e cidadania* (1994), de Pedro Demo:

Participação sem auto-sustentação é farsa, porque sucumbe a dependências. É incorreto definir cidadania como fenômeno meramente político, como se a questão se esgotasse na participação. Faz parte, na mesma relevância, a capacidade produtiva. Cidadão pleno, participa e trabalha/produz (DEMO, 1994, p. 41).

3.1.2 Participação no Brasil: breve histórico

A respeito da questão da participação no Brasil, alguns períodos são de suma importância para o entendimento da atual situação participativa do país. O primeiro deles ocorre nos últimos anos da década de 1960, quando no período da ditadura, a palavra “participação” torna-se parte do vocabulário político popular. Isso ocorre, sobretudo, pela necessidade da população por novos meios de participação.

De acordo com a obra *Efetividade das instituições participativas no Brasil* (IPEA, 2011, p. 34), “a ideia da participação entra no cenário nacional como uma categoria prática, isto é, uma categoria mobilizada para conferir sentido à ação coletiva de atores populares”. Neste contexto, a participação se forma como uma base para a “emancipação popular”, ou seja, “para que o povo pudesse ser o porta-voz de sua própria história”.

Nas décadas seguintes, o país passou por várias manifestações populares (sobretudo dos jovens estudantes organizados pela UNE) em que a população participou ativamente, lutando pelo fim da ditadura e pela volta da democracia e dos direitos do povo. “A volta dos estudantes brasileiros às ruas somente se daria em março de 1977, vindo reforçar e intensificar a luta contra a ditadura” (POERNER, 1979, p. 308).

Em 1984 o povo volta às ruas, mais uma vez em busca de um governo mais democrático e participativo. A campanha ficou conhecida como “Diretas já”, e levou um número grande de pessoas às ruas do país, lutando pelo direito de participar diretamente das eleições do novo presidente.

Outro período importante é o ano de 1988, marcado pela implementação da Constituição, conhecida como cidadã, que ajudaria a ampliar o processo democrático e consequentemente a participação da sociedade civil. Para Avritzer (2006, p.35) “o sistema político gerado pela Constituição de 1988 é um sistema híbrido que incorporou na sua organização amplas formas de participação no plano do processo decisório federal, assim como, no plano local”. Já Dagnino (2004, p. 95) aponta esse processo como marco do aumento da democracia:

O marco formal desse processo (de alargamento da democracia) é a Constituição de 1988, que consagrou o princípio de participação da sociedade civil. As principais forças envolvidas nesse processo compartilham um projeto democratizante e participativo, construído desde os anos oitenta ao redor da expansão da cidadania e do aprofundamento da democracia.

Todavia, em 1989 há a eleição de Fernando Collor de Mello como presidente. A partir daí, começa a haver a proposta neoliberal de Estado mínimo, segundo a qual o governo se isenta progressivamente das obrigações de manter os direitos dos cidadãos, transferindo aos poucos, essa responsabilidade para a sociedade civil. Mas nesse momento surge um importante movimento de participação política, “os caras pintadas”, que foi essencial para a votação de impeachment do presidente.

Recentemente, um outro período de destaque foram as manifestações que ocorreram nos meses de junho e julho de 2013. Desta vez, a população usou de serviços online, como as redes sociais, para marcar os encontros onde aconteceriam as passeatas e protestos que dariam voz ao povo que se sentia excluído das decisões dos governantes.

3.1.3 Níveis e formas de participação

Como visto anteriormente, nem sempre o povo consegue participar diretamente das decisões do governo, daí a importância da participação efetiva, em que as pessoas possam agir e decidir diretamente em questões importantes para o país, tanto em um nível político, quanto econômico.

Mas nem todos os cidadãos são engajados, portanto, podemos diferenciar a participação em 2 tipos: a passiva e a ativa. Na primeira, a pessoa apenas faz parte de algo, sem ter um maior envolvimento nas decisões. Já na segunda, além de fazer parte, o indivíduo também toma parte do processo. Assim como afirma Bordenave (1983, p. 22): “Eis a diferença entre a participação passiva e a participação ativa, a distância entre o cidadão inerte e o cidadão engajado”.

O mesmo ocorre com a participação simbólica e a participação real, em que a simbólica seria a falsa participação, segundo a qual o indivíduo viveria uma ilusão de poder. É o que ocorre por exemplo, com a democracia representativa, em que a população apenas elege um representante, mas depois não consegue influenciar diretamente no governo. Enquanto isso, a participação real é a participação efetiva, em que os cidadãos teriam o direito de participar diretamente de todos os processos da vida institucional (BORDENAVE, 1983).

Além disso, a participação também pode ocorrer em diferentes níveis. Desde um nível micro até o macro. A microparticipação é aquela praticada rotineiramente na escola, no trabalho e até mesmo nas questões familiares discutidas em casa. Todavia, a macroparticipação é aquela que ocorre em um nível social, em que as pessoas podem intervir

em questões mais amplas e complexas como as lutas políticas e econômicas.

Outros exemplos de participação são a participação de fato e a espontânea. A primeira é aquela inerente ao homem como indivíduo. Já a segunda ocorre na participação dentro dos grupos como a igreja, família e etc. Por fim, também podem haver formas de participação imposta, em que os cidadãos são obrigados a fazerem parte de algo. Um exemplo é o processo eleitoral, em que a população com idade a partir de 18 anos é obrigada a votar em seus representantes.

Além dos vários tipos de participação, esse processo também ocorre em diferentes níveis ou graus, podendo assim ter uma interferência maior ou delimitada. O menor grau de participação é aquele em que as pessoas apenas têm acesso à informação do que está ocorrendo, ou seja, das decisões. Já o grau mais elevado é aquele em que há a autogestão. Nesse grau, os cidadãos seriam os próprios responsáveis por determinar os objetivos e tomar as decisões a respeito disso, sem necessidade de consultar agentes externos (BORDENAVE, 1983).

3.1.4 Sociedade, democracia e comunicação: como participar?

Assim como observado anteriormente, a participação é uma necessidade fundamental do homem, mas ela também se relaciona em níveis mais complexos como o social. Contudo, porque mesmo em uma sociedade democrática, que favorece a participação, muitas pessoas ainda ficam a parte desse processo? De acordo com Bordenave (1983, p. 39) “existem circunstâncias de diversos tipos que condicionam o grau, o nível e a qualidade da participação”.

Algumas dessas circunstâncias são: tradição e cultura; normas específicas de cada grupo; diferenças individuais; e estrutura social. Entretanto, umas das principais circunstâncias para a participação efetiva, é a de como aprender a participar. E embora a participação não seja um processo simples e que possa ser ensinado como uma disciplina nas salas de aula, ela deve ser discutida nesse meio.

De acordo com Safira Ammann, autora da obra *Participação social* (1977), são necessárias ainda outras condições subjetivas para que o indivíduo consiga realizar a participação social. São elas: o acesso à informação, a motivação pessoal, e a educação.

Segundo ela, o acesso à informação é imprescindível para evitar que haja acomodação ou mesmo uma cooptação dos indivíduos. “Somente informada pode uma população fazer um

juízo claro sobre a validade das oportunidades e dos instrumentos postos à sua disposição, utilizá-los, ou, inclusive, rejeitá-los, se os considera ineficientes ou inadequados” (AMMANN, 1977, p. 25).

Enquanto isso, a motivação pessoal é de ordem psicológica e para ocorrer é necessário que se tenha uma identificação do sujeito com o motivo da participação. E por fim, a educação a respeito da participação seria a própria prática participativa. Desta forma, fica evidente a importância da prática da participação em níveis menores, como forma de aprendizagem para tornar as pessoas aptas a participarem efetivamente de questões sociais e políticas. Assim como afirma Bordenave (1983, p.26):

[...] a construção de uma sociedade participativa converte-se na utopia-força que dá sentido a todas as microparticipações. Nesse sentido, a participação na família, na escola, no trabalho, no esporte, na comunidade, constituiria a aprendizagem e o caminho para a participação em nível macro em uma sociedade onde não existam mais setores ou pessoas marginalizadas. Aos sistemas educativos, formais e não-formais, caberia desenvolver mentalidades participativas pela prática constante e refletida da participação.

Em suma, através da microparticipação o indivíduo aprende a participar, e a perceber que deve ser atuante na sociedade, deixando assim, de esperar que o governo tome todas as decisões sozinho. Pateman (1992, p.39) ao explicar a teoria do Contrato Social, de Rousseau, evidencia que:

[...] Uma vez estabelecido o sistema participativo, ele se torna auto-sustentável porque as qualidades exigidas de cada cidadão para que o sistema seja bem-sucedido são aquelas que o próprio processo de participação desenvolve e estimula; quanto mais o cidadão participa, mais ele se torna capacitado para fazê-lo.

Mas além da prática participativa como forma de aprendizagem, existem também outras ferramentas de extrema importância na participação. São elas: a organização e a comunicação. A primeira é fundamental para a participação, pois facilita e canaliza esse processo. (BORDENAVE 1983). Organizadas e unidas as pessoas podem transformar a realidade (social, econômica ou política) e pressionar o governo a agir de acordo com o interesse coletivo.

Já a comunicação é imprescindível pois sem ela não ocorre nem a informação e nem o diálogo. A respeito do diálogo, as pessoas podem se comunicar entre si de “boca a boca”, no entanto, os veículos de comunicação de massa se tornam importantes pois através deles a mensagem e a informação podem ser passadas de uma vez para um público muito grande. Daí

a importância desses meios para a sociedade em geral, como forma de incentivar o acesso ao conteúdo e a participação popular. Assim esclarece Pateman (1992, p. 90) ao citar Blumberg (p. 243): “O fornecimento e a distribuição da informação é um passo essencial no processo de participação”.

Todavia, muitas vezes, esses veículos são empresas que visam ao lucro e, desse modo, veiculam conteúdos que defendem o interesse hegemônico, causando assim uma alienação da população, já que evita o acesso destes a um conteúdo que seja conveniente com suas necessidades, e a uma informação condizente com sua realidade.

Atualmente, outro veículo importante é a internet, que revolucionou a forma de comunicação e interação entre as pessoas e entre a própria plataforma. Diferentemente dos veículos de comunicação tradicionais, como o rádio e a televisão, a web 2.0 propicia uma maior participação do usuário, pois através de suas ferramentas e serviços ele mesmo pode criar um site de informações, compartilhar notícias, curtir e comentar, tornando-se dessa forma, um receptor-agente. Assim como esclarece Jenkins (2008, p. 28):

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras [...].

Além disso, Jenkins aponta ainda para a questão do encurtamento geográfico propiciado pela rede, onde tornou-se possível a comunicação, discussão e troca de ideias e experiências entre pessoas distantes geograficamente, facilitando assim a participação desses usuários em diversos setores. Acerca disso, Barnett aponta que:

Todo indivíduo pode se comunicar com qualquer outro indivíduo, não apenas da cidade, da região ou do estado, mas ultimamente de qualquer lugar do mundo. Com os obstáculos de tempo e espaço eliminados, um diálogo on-line genuíno é possível entre qualquer número de indivíduos que desejem trocar ideias (BARNETT, 1997, p. 194).

Assim, fica evidente a importância da internet como um novo meio de comunicação capaz de propiciar uma nova interface de relações, em que a participação pode ser colocada em prática. Através do acesso à rede, as pessoas podem se reunir para debater temas sociais, se informar e ter uma maior participação política. Segundo Jensen (2012, p. 350) “a internet mesma cria comunidades de notícias e leva a situações ideais de comunicação entre sujeitos fisicamente remotos, mas virtualmente conectados, por meio disso configurando condições

ideais para o surgimento de uma nova esfera pública”.

E a respeito de websites que promovem a participação online, um exemplo que pode ser citado é o *Participatório: Observatório Participativo da Juventude*¹, que é uma “plataforma virtual interativa voltada à produção do conhecimento sobre a juventude e para a própria juventude, mediante participação e mobilização social” (Artigo 2º da Portaria 42), e que “pretende promover espaços de participação, produção do conhecimento, mobilização e divulgação de conteúdos para temas relacionados às políticas públicas de juventude” (Artigo 3º).

O Participatório foi criado em agosto de 2013 pela Secretaria-Geral da Presidência da República, como resposta as manifestações e protestos ocorridos no mesmo ano. Por meio das suas ferramentas, tais como biblioteca digital, boletins informativos e muito mais, o site pode ser visto como uma plataforma de participação política online, na qual os jovens podem interagir, debater e produzir conteúdo.

Entretanto, apesar de o site ser uma plataforma de interação entre os jovens, que disponibiliza conteúdos e promove discussões e pesquisas, alguns questionamentos podem ser elencados. O primeiro deles é a respeito da participação efetiva. Será que esse website ajuda efetivamente a mudar a realidade política? Ou é apenas uma forma dos jovens dissiparem sua “raiva” contra o governo? Sendo portanto, apenas um canal de participação dirigida e manipulada. Neste caso, apesar dos jovens estarem participando ativamente, essa participação só se torna efetiva se o governo usar essas fomentações, ideias e propostas elencados pelos usuários dessa plataforma, e colocá-las em prática, dando assim voz aos cidadãos e ajudando a diminuir o descontentamento social com a política e o governo.

Outro questionamento necessário é a respeito do acesso à rede. Infelizmente no Brasil, uma grande parte da população ainda não tem acesso à internet e desta forma, a participação ficaria prejudicada. Por fim, um último questionamento que também pode ser feito inicialmente, é referente a baixa divulgação do Participatório. Pois, apesar dessa plataforma ter vários recursos que promovem a participação dos jovens, para que ela realmente funcione é importante que seja divulgada e que chegue a um número grande de usuários.

Contudo, a internet de uma forma geral, pode ser vista sim como uma plataforma de comunicação imprescindível para a participação, ou seja, a eparticipação. Se antes, as mídias antigas apenas geravam interesse de consumo pelo público, agora com o ciberespaço foi

¹Disponível em: <http://juventude.gov.br/participatorio#.V30FQ7grLIU>

possível que as pessoas também produzissem e gerassem conteúdo e informação. Acerca disso, Clay Shirky, autor do livro *A cultura da participação*, aponta:

Mas agora, pela primeira vez na história da televisão, alguns grupos de jovens estão vendo menos TV do que os mais velhos. Diversos estudos populacionais – entre alunos do ensino médio, usuários de banda larga, usuários do Youtube – registraram a mudança e sua observação básica é sempre a mesma: populações jovens com acesso à mídia rápida e interativa afastam-se da mídia que pressupõe puro consumo. Mesmo quando assistem a vídeos online, aparentemente uma mera variação da TV, eles tem a oportunidade de comentar o material, compartilhá-los com os amigos, rotulá-lo, avaliá-lo ou classificá-lo e é claro, discuti-lo com outros espectadores por todo o mundo (SHIRKY, 2011, p. 15).

3.1.5 Participação online: ativismo e movimentos sociais

Como evidenciado, o ciberespaço modifica as interações entre os próprios usuários e entre as pessoas e o próprio veículo de comunicação, que agora permite uma interatividade muito maior, do que quando comparada aos outros meios de comunicação como o rádio e a televisão, por exemplo. Deste modo, pode-se dizer que a web propiciou uma nova forma de participação: a participação online, em que os grupos sociais podem usar o ciberespaço como uma plataforma importante para expressarem suas demandas políticas e sociais. Surge assim, o ativismo e a atuação dos movimentos sociais na rede.

Mas o que é o ativismo? Embora seja um termo muito utilizado na atualidade, ainda existem poucos conceitos do que é efetivamente ser um ativista. Contudo, podemos entender o ativismo como uma forma de participação e atuação social, acerca de questões políticas que visam transformar a realidade vigente. Assim como define Mansbridge (1990, p. 229) "ativistas são aqueles que participam da vida pública para além dos momentos eleitorais. Aqueles que se identificam com um movimento social, que se envolvem com as suas causas e que os apoiam efetivamente."

E com o avanço das NTIC (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação), temos a passagem da era da comunicação de massa para a comunicação em rede, propiciando desta forma, o surgimento do ciberativismo.

Os avanços das NTICs e o crescimento exponencial da rede das redes acabam por configurar uma nova finalidade do espaço digital, que vai além da produção de conhecimento, proporcionando o exercício da democracia participativa (ainda que no mais das vezes não institucionalizada) através da formação e atuação de movimentos sociais. Utilizado de maneira progressiva por ONGs e por cidadãos comuns, o ciberativismo é, por excelência, um meio precípuo de fomentar o exercício da cidadania na rede e de pressionar governos e corporações a

promoverem ações a partir de vozes atomizadas que se somam acerca de um interesse comum, geralmente causas de cunho social, político ou ambiental (DINIZ E CALEIRO, 2011, p. 42).

Assim, o ativismo digital ou ciberativismo pode trazer os mesmos anseios e expectativas do ativismo convencional, só que a rede e suas ferramentas atuam como facilitadoras desse processo, na medida em que, por meio delas, é possível se comunicar com pessoas de várias partes do mundo, ter acesso a informações de contraponto, como por exemplo, pelos veículos jornalísticos alternativos, e etc.

Enquanto isso, os movimentos sociais podem ser entendidos como ações coletivas que são capazes de transformar valores e instituições (CASTELLS, 2003, p.20). Desta forma, pode-se depreender que os movimentos sociais são um dos inúmeros tipos de ativismo.

Se tivermos que optar por uma definição do termo ‘movimentos sociais’, considerando as tão variadas abordagens existentes e aceitas, poderíamos dizer que o mesmo se refere a formas de organização e articulação baseadas em um conjunto de interesses e valores comuns, com o objetivo de definir e orientar as formas de atuação social. Tais formas de ação coletiva têm como objetivo, a partir de processos frequentemente não-institucionais de pressão, mudar a ordem social existente, ou parte dela, e influenciar os resultados de processos sociais e políticos que envolvem valores ou comportamentos sociais ou, em última instância, decisões institucionais de governos e organismos referentes à definição de políticas públicas (MACHADO, 2007, p.252).

Através dos movimentos sociais, a população pode se organizar e expressar suas demandas de diversas formas. Uma delas é a ação concreta, em que são adotadas estratégias que variam desde a denúncia, mobilizações, passeatas, até as pressões indiretas. E atualmente, os movimentos sociais também podem contar com a ajuda da web e de serviços como as redes sociais para atuar tanto on-line quanto para marcar reuniões e encontros offline.

Muitos são os exemplos de atuações sociais no ciberespaço. Um deles foi o site MoveOn.org nos EUA, que durante o período da guerra no Iraque, conseguiu organizar o maior protesto em Nova Iorque. Como explica Jorge Machado:

(...) uma organização surgida unicamente com base na rede, a *MoveOn.org*, conseguiu a proeza de organizar o maior protesto já realizado nas ruas de Nova Iorque, levando 250 mil pessoas às ruas para se manifestarem contra a guerra, no dia 15 de fevereiro de 2003. Além de difusão de mensagens, o MoveOn levantou recursos, através de seu *site*, para estender sua campanha publicitária para emissoras de TVs, periódicos e rádios (MACHADO, 2007, p. 263).

Já em relação a participação dos movimentos sociais na internet, dois exemplos importantes são a Primavera Árabe, e no Brasil, os protestos ocorridos em junho e julho de

2013. No caso da Primavera Árabe, a mídia social e as tecnologias móveis fomentaram o movimento no sentido em que atuaram como mecanismos facilitadores do processo de comunicação e difusão de informações, criando assim, uma mobilização online (VIEIRA, 2013).

Já nas manifestações ocorridas no Brasil, as redes sociais foram ferramentas importantes para marcar encontros e convocar um grande número de pessoas a irem para as ruas, reivindicar seus direitos e evidenciar seu descontentamento com o governo. Assim como aponta Adriana Rodrigues, em um artigo do livro *Jornada de Junho: Repercussões e Leituras* (2013).

[...] Neste contexto das informações descentralizadas, das apropriações das redes sociais e das tecnologias digitais pelas manifestações, pode-se elencar algumas iniciativas que serviram como mediações para organizar novos encontros, bem como acompanhar o foco do ativismo. No facebook, foram criadas as fan pages com nomes #VEMPRARUA, #OGIGANTEACORDOU, por exemplo, serviram de principal arena para o evento, como também, colocar informações que saíram na grande mídia, informando e mantendo o interagente atualizado do assunto (RODRIGUES, 2013, p.36).

Desta forma, fica claro a importância dos movimentos sociais e do ativismo como ferramentas de luta e de inclusão social. E a internet pode ser uma grande facilitadora desses processos, auxiliando desde a comunicação entre pessoas distantes geograficamente, na fomentação de ideias e discussões e até mesmo na hora de marcar encontros offline.

A “Sociedade em Rede” ampliou as formas de atuação e participação política e social dos cidadãos. Através de mecanismos como as redes sociais e websites que estimulam a participação, as pessoas encontram novas maneiras de exercitar sua cidadania e expor (e debater) suas convicções com outros usuários, sem necessitar de um espaço físico.

Antes, se estavam descontentes, a única coisa que podiam fazer era ir diretamente para uma manifestação de massa organizada por partidos e sindicatos, que logo negociavam em nome das pessoas. Mas, agora, a capacidade de auto-organização é espontânea. Isso é novo e isso são as redes sociais. E o virtual sempre acaba no espaço público. Essa é a novidade. Sem depender das organizações, a sociedade tem a capacidade de se organizar, debater e intervir no espaço público (CASTELLS, 2006).

Contudo, a respeito do processo de participação, outros fatores importantes devem ser levados em conta. Dentre eles, destacam-se a participação política e social da juventude, que será o objeto de estudo do próximo capítulo.

3.2 MOBILIZAÇÃO DA JUVENTUDE

3.2.1 Juventude: uma categoria social

Como visto na última seção do capítulo anterior, as NTIC ajudaram a ampliar a comunicação entre as pessoas e também o acesso e a difusão de conteúdos e informações, auxiliando assim, no processo de participação e mobilização social. Todavia, a respeito desses processos, deve-se dar um destaque especial para o “protagonismo jovem”, e analisar a juventude enquanto uma categoria social e operante na sociedade.

E a juventude é uma fase que pode ser delimitada por uma faixa etária. De acordo com a Lei nº8.069, que em 1990 instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente, são considerados jovens os indivíduos entre 12 e 18 anos de idade. Contudo, em 05 de agosto de 2013 é criada a Lei nº 12.852, que institui o Estatuto próprio da Juventude, e considera jovens as pessoas entre 15 e 29 anos. No entanto, a juventude não é apenas uma fase de passagem para a vida adulta. Ela engloba diversos processos, desde a formação de valores, até a construção de sua própria identidade. Assim como explica Souza (2004, p.49): “a idade não é, então, somente um conjunto de anos que se vai agregando num processo linear, mas determina expectativas e comportamentos (...)”.

Mas como a juventude é caracterizada? Por se tratar de uma categoria socialmente construída, e não apenas uma faixa etária, é difícil encontrar uma definição completa, que represente toda a complexidade e dimensões do conceito juventude. Assim como aponta Regina Novaes, em sua obra *Juventude e sociedade: jogos de espelhos*:

Ser jovem é viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e, ao mesmo tempo, grandes expectativas de emancipação. Para a juventude acena-se com uma espécie de “moratória social”. Isto é, a juventude é vista como etapa de preparação, em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social, a saber: responsabilidade com família própria, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania (NOVAES, 2007, p.7).

Segundo a autora, a juventude deve ser vista como uma fase de construção de identidades, e definições de projetos para o futuro, e dessa forma, a juventude é marcada por ambivalências (RIZZINI; CALDEIRA; BARROS, 2010). Isso fica evidente no conceito de juventude formulado por Boghossian e Minayo:

A definição por parâmetros exclusivos fracassa em maior ou menor grau ao se generalizar ou naturalizar esses aspectos. [...] Pode-se considerar, em termos mais amplos, que o conceito de juventude compreende um momento do ciclo de vida e,

simultaneamente, condições sociais e culturais específicas de inserção dos sujeitos na sociedade (BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009, p. 413).

Por fim, a juventude também não deve ser vista como um seguimento homogêneo, já que “embora seja uma fase da vida marcada por características universais, a forma como cada grupo social representa e convive com essas características é muito diversificada” (BRASIL, 2011, p.83). Assim, pode-se dizer que não se trata apenas de uma única juventude, e sim de juventudes, como destaca Catani e Gilioli, baseados em Pierre Bourdieu:

[...] englobar diferentes posicionamentos, expressões, e condições juvenis em rótulos generalizantes é perigoso. Para ele [Pierre Bourdieu], a juventude 'é apenas uma palavra', uma vez que haveria pelo menos duas juventudes, a burguesa e a das classes populares, com diferenças significativas entre si. Jovens universitários, camponeses e operários têm pouco em comum, além da faixa etária. Assim, torna-se necessário falar em juventudes e em culturas juvenis (CATANI; GILIOLI, 2004, p.16).

Em suma, é necessário analisar a juventude sem limitações, ou seja, considerá-la em toda a sua complexidade e diversidade, para só então poder compreender como ela se manifesta e participa social e politicamente. E tendo em vista a mobilização jovem, Abramovay e Castro apontam que:

[...] a juventude se tornou um foco privilegiado dos movimentos sociais. Considerando-se as rápidas transformações nas condições de vida dos grupos humanos na fase contemporânea do capitalismo, a adrenalina jovem é canalizada por alguns de forma construtiva e por outros de forma perigosa para a sociedade. Se os jovens, em tantas construções, são a nova classe perigosa, em particular se forem negros e pobres, em outras, continuam idealizados como o futuro, a esperança do amanhã (ABRAMOVAY; CASTRO, 2009, p. 31).

Assim, nas próximas seções desse capítulo, serão analisados o histórico de participação da juventude desde antes da formação da UNE, até a mobilização atual dos jovens no Brasil propiciada sobretudo pela internet.

3.2.2 Histórico de mobilização e participação da juventude brasileira

O histórico de participação jovem no Brasil é muito importante. Em períodos como a ditadura é imprescindível a participação dos jovens estudantes, que se mobilizavam em busca do fim da censura e da redemocratização do país. Todavia, o histórico da participação juvenil é muito extenso e complexo. Devido a isso, essa parte da pesquisa pretende fazer um recorte histórico, trabalhando a partir da década de 80, quando começa a haver um processo de

redemocratização no país, como, por exemplo, por meio da implementação da nova Constituição Federal em 1988.

A partir da década de 80, começa a haver no Brasil um processo de transição de um governo opressor para um governo democrático. No mesmo período, o país também passou por uma fase de instabilidade, já que começaram haver mudanças tecnológicas e sociais, que afetaram sobretudo a juventude. “[...] A juventude, como particular 'sujeito de direitos' - demandante de políticas específicas -, só emergiu na segunda metade dos anos de 1980, momento em que a 'exclusão social' de jovens se tornou parte integrante da questão social.” (BRASIL, 2014b, p.50).

Já em início da década de 1990, outro momento importante é o movimento dos caras-pintadas, pelo impeachment do presidente Fernando Collor, que colocou novamente a juventude no debate nacional. (CASSAB, 2010). Assim como explica Souza (1999): “Os rostos foram pintados, num gesto simbólico, com as cores verde e amarela, ficando essa manifestação conhecida como o movimento dos caras-pintadas” (SOUZA, apud BARBOSA, 2008, p. 55).

[...] o ano de 1992 parece ter sido um importante exemplo da reaproximação efetiva dos jovens da política, através da participação no processo de impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, incluindo a participação dos jovens em uma das maiores manifestações políticas da história do país. Em todas as capitais houve protestos contra corrupção, pela ética e a favor do impeachment (BARBOSA, 2008, p.54).

Por fim, outro período importante para a mobilização da juventude foi o ano de 2013, em que ocorreram as manifestações no Brasil. Através de serviços online, como as redes sociais, a juventude se mobilizou, discutiu temas importantes e chamou o restante da população a ir para as ruas do país evidenciar o descontentamento com o governo. Como evidencia Machado (2013, p. 29): “Vimos mais uma vez os movimentos de juventudes emprestar o seu potencial para dar voz aos justos anseios de toda uma sociedade (...)”.

3.2.3 Juventude e participação: protagonismo jovem e demandas juvenis

Como visto na seção anterior desde capítulo, os jovens sempre estiveram participando, desde nas questões políticas, até em causas sociais. Mas é possível notar várias diferenças nas formas de participação juvenil desde a década de 60, até os dias atuais. Dentre elas, se pode destacar o avanço tecnológico como ferramenta de mobilização social, e a diversidade de bandeiras nas manifestações.

Outra diferença importante é em relação as classes econômicas. Antigamente os movimentos juvenis estavam quase sempre relacionados aos estudantes de classe média que faziam parte da UNE. Já nas décadas seguintes surgem vários movimentos que se fazem entre jovens de diversos setores sociais.

Desta forma, se verifica que a participação social da juventude vai adquirindo novas formas de atuação ao longo do tempo e das transformações socioculturais. Como explica Serna (1997):

[...] a participação juvenil na atualidade caracteriza-se pela diversidade e dispersão dos conteúdos e das formas de atuar, o que determina que a participação juvenil seja vista como um processo em constante transformação, pois os grupos, redes, movimentos, organizações nascem e morrem, renascem com novos nomes e propostas e esse contínuo recriar parece ir constituindo os jovens como atores sociais (SERNA, 1997 apud GIL, 2012, p.96).

E esse “protagonismo jovem” é impressível, pois chamados a participar, os jovens desenvolvem habilidades importantes na defesa de direitos, bem como interagem com diversas linguagens e tipos de engajamento, utilizando ferramentas que lhes permitem acessar outras informações à luz de perspectivas transformadoras (CASTRO; ABRAMOVAY, 2009).

E o enunciado “protagonismo jovem” é um termo que identifica a participação social da juventude, e passou a ser “construído” por volta da década de 80. Contudo, no Brasil, o termo só passou a ser fixado e difundido em 2000, quando Antônio Carlos Gomes da Costa publicou a obra intitulada: *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*.

E de acordo com COSTA (2000), a palavra protagonismo é originária do grego e significa ser o principal agente de uma ação:

[...] proto, que significa: o primeiro, o principal; agon, que significa luta. Ago-nistes, por sua vez, significa lutador. Protagonista quer dizer, então, o lutador principal, personagem principal, ator principal ou mesmo agente de uma ação, seja ele um jovem, adulto, um ente da sociedade civil ou do estado, uma pessoa, um grupo, uma instituição ou um movimento social (COSTA, 2000,p.150).

Dessa forma, pode-se entender o termo protagonismo como a capacidade de participar e interferir dos acontecimentos, exercendo assim, um papel decisivo e transformador no cenário da vida social (RIBAS, 2004).

Protagonismo juvenil é a participação consciente dos adolescentes em atividades ou projetos de caráter público, que podem ocorrer no espaço escolar ou na comunidade:

campanhas, movimentos, trabalho voluntário ou outras formas de mobilização (RIBAS, 2004, p.3).

Mas além disso, o protagonismo juvenil também pode se manifestar na vida democrática, transcendendo os interesses pessoais e questionando propostas de interesse coletivo. Assim, os jovens aprendem e participam ativamente, exercitando sua cidadania e contribuindo para o desenvolvimento da sociedade.

Em suma, o protagonismo juvenil é muito importante para ajudar a mudar a realidade social, seja da comunidade em que o jovem vive, ou mesmo em relação a questões mais amplas como a política, que pode alterar toda a realidade de um país. Mas, para que o jovem consiga exercitar sua cidadania e tornar-se protagonista de sua história, é imprescindível, que anteriormente ele compreenda a sua própria realidade, “percebendo contradições sociais e tornando-se sujeito do processo de decisões e ações” (RODRIGUES, 2014).

Assim, em geral, a participação juvenil possibilita a “atuação dos jovens em espaços políticos, educacionais e sociais não como espectadores, mas sim como atores principais, decidindo, planejando, executando e avaliando suas ações” (OLIVEIRA, 2009, p.100). E através da participação, as minorias também podem expressar sua voz e expor suas demandas:

A ameaça de exclusão é evitada pelo *protagonismo* de cada jovem. O jovem de hoje não deve ser minoria e, sim protagonista. O discurso atual é inclusivo e extensivo, pois não admite a existência do ‘fora’ dele. Uma noção de juventude ampliada para segmentos diversos da população e a ideia de que todo jovem pode e deve fazer política, pode e deve ser *protagonista*, contribuem para a instrução de todos no discurso (SOUZA, 2008, p. 186).

Contudo, além do jovem assumir a própria postura de atuante na sociedade, também é importante que existam políticas públicas voltadas para essa categoria social, visando facilitar e incentivar a participação política e social dos jovens, além de lhes garantir direitos como o acesso à cultura e à educação.

Além disso, as políticas públicas específicas para a juventude, também devem visar a autonomia dos jovens no presente e no futuro, e incentivar sua inserção no campo de luta pelos direitos e pela construção da democracia, assim como explica a Secretaria Nacional de Juventude:

Em resumo, as Políticas Públicas de Juventude devem ser vistas como vias para a efetivação de direitos – já consagrados ou a consagrar. Nesta ótica, ao efetivar direitos, os Programas e Ações implementadas pelo poder público estarão respondendo a demandas juvenis de distribuição, de reconhecimento e de

participação e, desta maneira, estarão gerando oportunidades para que os jovens construam suas trajetórias de autonomia e emancipação (BRASIL, 2014b, p. 56).

Mas para atender as expectativas dos jovens, é preciso anteriormente entender quais são as demandas e mobilizações dessa classe social. E de acordo com uma pesquisa realizada no Brasil em 2008 pelo Ibase, em conjunto com uma rede de entidades da Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai, (NOVAES E RIBEIRO, 2010, apud SNJ), foi possível apresentar alguns aspectos das demandas da juventude sul-americana. As principais delas foram:

1. Educação com qualidade (acesso e continuidade na trajetória escolar);
2. Oportunidades de trabalho digno e criativo;
3. Acesso aos bens culturais e condições para produção artística juvenil;
4. Segurança (com respeito aos direitos humanos e valorização da diversidade juvenil);
5. Cuidado com o meio ambiente para garantir qualidade de vida juvenil no campo e nas cidades;
6. Gratuidade no transporte público para jovens (nas cidades, entre o campo e a cidade);
7. Saúde (acesso a serviços de saúde que levem em conta a atual condição juvenil contemplando direitos reprodutivos; prevenção de DSTs/Aids; programas e ações de redução de danos);
8. Moradia (acesso a crédito específico para habitação juvenil, no campo e na cidade, favorecendo sua emancipação);
9. Consolidação de canais que garantam a participação de grupos, redes e movimentos de jovens na elaboração, avaliação e acompanhamento de programas e ações públicas voltadas para a juventude (BRASIL, 2014b, p. 64).

E ainda de acordo com a pesquisa feita pelo Ibase, o maior problema enfrentado pelos jovens é a violência. “Para que os jovens conquistem o futuro e vivam melhor o presente, quase metade dos entrevistados (46%) pensa que a violência se coloca como um dos dois maiores problemas, opinião igualmente partilhada entre os jovens e adultos” (IBASE, 2008, p.77).

Assim, é necessário que o governo aja de uma forma a responder essas demandas dos jovens, considerando seu contexto atual e suas expectativas para o futuro. A respeito disso Regina Novaes explica que:

[...] as respostas às demandas dos jovens desta geração exigem que se considere o novo contexto mundial e as características da sociedade brasileira. Ou seja, é preciso levar em conta as dívidas sociais que se acumularam ao longo do nosso passado histórico; lançar um olhar específico para as urgências que se colocam no presente e

ter como perspectiva as necessidades futuras dos jovens de hoje. No que diz respeito às políticas públicas de juventude, um de seus desafios é combinar projetos e ações que assegurem igualdade de direitos da cidadania; valorização da diversidade juvenil por meio de ações afirmativas e respostas às demandas que dizem respeito à atual condição juvenil. A conjugação destes aspectos exige uma nova maneira de olhar – um novo paradigma – sobre as vulnerabilidades e potencialidades dos diferentes segmentos da juventude brasileira (NOVAES, 2007, p.7).

No contexto do Brasil, apesar de já se discutir sobre a demanda da juventude a partir da década de 90, só começam a haver ações efetivas em resposta a essas demandas principalmente após a criação da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), ambos em 2005.

Com o surgimento dessas instituições voltadas especificamente à juventude, alguns instrumentos vem sendo criados com o intuito de construir as políticas públicas com base específica na demanda dos próprios jovens. E um exemplo de espaço criado para a apresentação e discussão de bandeiras e demandas da juventude no âmbito nacional foram a 1ª e a 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude.

3.2.4 Como os jovens vem participando de questões sociais recentemente no Brasil?

A partir dos anos 2000, ganham destaque os movimentos sociais contra o processo de globalização, e no Brasil, tal descontentamento dos jovens ficou evidente com a participação juvenil nas edições do Fórum Social Mundial (FSM) e do Acampamento Intercontinental da Juventude (AIJ) (PERONDI, 2013).

Outro período importante foi o ano de 2008, que contou com a primeira Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, realizada em Brasília entre os dias 27 e 30 de abril. E Regina Novaes explica que “no cenário da Conferência, entrecruzaram-se múltiplas trajetórias juvenis. (...) parte da juventude excluída, que ali – via de regra – pôde vivenciar sua primeira experiência de participação no chamado espaço público” (NOVAES, apud CASTRO; ABRAMOVAY, 2009, p. 12).

E na última década, os motivos que levaram a juventude a se mobilizar, se tornaram diversos. De acordo com Castro e Abramovay, autoras da obra *Quebrando Mitos: juventude participação e política* (2009), os indutores de participação política da juventude são:

1. Questões socioambientais
2. Busca por uma relação equilibrada entre educação e trabalho
3. Lutas pelos Direitos Humanos

4. Importância da arte e da cultura na construção do espaço público

5. Os efeitos e as potencialidades das novas tecnologias de informação

Assim, em um contexto mais atual, os jovens se mobilizam por questões que variam desde a busca por direitos próprios dos jovens, até de questões mais amplas, que envolvem toda a sociedade.

[...] As formas de mobilização e organização (juvenis) são as mais diversas, acontecendo desde campanhas pontuais como aquelas que recolhem alimentos contra a fome ou mobilizações em torno da qualidade de vida e do meio ambiente até mesmo o surgimento de organizações não governamentais (ONGs) criadas e geridas por jovens, com ações mais contínuas em diferentes direções. Chama a atenção o caráter local dessas ações, articulando-se a partir dos espaços de moradia e de questões relacionadas com a urbanidade, elevando a cidade como espaço e tema preferencial da participação juvenil (DAYRELL; CARRANO, 2008 p.18 e 19).

Já de acordo com a “Pesquisa Nacional sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros em 2013”, de responsabilidade da SNJ (Secretaria Nacional de Juventude) da Secretaria Geral da Presidência da República, os problemas que mais preocupam os jovens atualmente no Brasil são a corrupção e o poder dos traficantes:

Diante de uma lista de problemas os jovens indicaram aqueles que mais os incomodam no país, a corrupção foi citada por 67% dos entrevistados (sendo citada em primeiro lugar por 36% deles); o poder dos traficantes foi mencionado por 46% (sendo 13% como primeira opção) e a grande desigualdade entre ricos e pobres por 42% (sendo 20% na primeira posição) e o racismo e outras formas de discriminação (34%) (BRASIL, 2013, p. 30).

Ainda de acordo com essa pesquisa, para os jovens, as formas mais viáveis para melhorar esses problemas do país seriam as manifestações nas ruas e outras ações diretas:

Dentre as principais formas de atuação que devem ser feitas para ajudar o Brasil a mudar e a melhorar, cerca de 46% mencionam a participação em mobilizações de rua e outras ações diretas. Outros 45% citam a atuação em associações ou coletivos que se organizam de alguma forma Também se destacam a atuação em conselhos, conferências, audiências públicas ou outros canais de participação desse tipo (36%); a atuação pela Internet, opinando sobre assuntos importantes ou cobrando os políticos e governantes (35%) e a atuação em partidos políticos (30%) (BRASIL, 2013, p. 37).

E um exemplo de manifestação que levou a juventude para ruas são as manifestações ocorridas no Brasil em junho e julho 2013. “Tais manifestações aconteceram, inicialmente, sob a bandeira do Movimento Passe Livre (MPL), uma organização formada por jovens e que se declara sem a existência de uma liderança, mas múltiplas vozes que se alternam na busca

de mudanças sociais e econômicas que visam beneficiar a população” (BERNARDINI; GOBBI, 2013).

Nesta época, o Brasil tinha como contexto a preparação para a Copa do Mundo que foi realizada no ano seguinte. E a população assistia calada as concessões de verbas para essas obras caríssimas, além de casos de superfaturamento e corrupção. O estopim para as manifestações foi então, em meio a tudo isso, o aumento do preço do transporte público.

E redes sociais como “Facebook” e “Twitter” tiveram um papel importante nesse processo, já que foi principalmente através desses serviços online que a população foi chamada a ir para as ruas reivindicar seus direitos e demonstrar seu descontentamento com a representatividade do governo. Para tanto, foram criadas algumas *hashtags* tais como “não é só por 20 centavos”, e “o gigante acordou”, que foram amplamente divulgadas e tornaram-se cartazes nas ruas.

Assim, fica evidente a importância das NTIC (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação) para a mobilização e participação política da juventude. Como explica Bernardini e Gobbi:

As passeatas organizadas utilizando as redes sociais demonstram a força da comunicação midiática e de um novo fenômeno de conversação, no qual a tecnologia auxilia a tomada de decisões e a dissipação de informações, paralelamente às grandes mídias, demonstrando também um amadurecimento da população diante das novas tecnologias, agora como fator de união, e não mais apenas como um imenso diário da vida cotidiana (BERNARDINI; GOBBI, 2013, p. 114).

E os jovens vêm se manifestando cada vez mais pelas redes sociais, na internet, usando o suporte das novas tecnologias para se organizar (SCHERER-WARREN, 2014). Todavia, é importante ressaltar que essa tecnologia ainda não está disponível para todos, e nem sempre ela é usada em sua potencialidade.

3.2.5 Juventude conectada: acesso à internet no Brasil

Aproximadamente mais de um quarto da população brasileira é constituída de jovens, na faixa etária entre 15 e 29 anos, de acordo com o 'Censo de 2010'², realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), evidenciando que, no período avaliado, havia no país mais de 51,3 milhões de jovens.

² Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>

Porém, um estatuto que visa especificamente essa parcela da população só foi sancionado em agosto de 2013, quando a então presidente Dilma Rousseff aprovou a Lei nº 12.852, que “institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE” (ESTATUTO DA JUVENTUDE, 2013, web)³.

Em seu texto, essa lei revela a importância do ambiente midiático e tecnológico para a juventude, ao abordar esses temas em diversos momentos. Um exemplo é o tópico VII do artigo 22, em que o documento evidencia a importância dos meios de comunicação para a formação cultural da juventude, ao defender que se deve facilitar acesso dos jovens principalmente às tecnologias digitais: “(deve-se) promover a inclusão digital dos jovens, por meio do acesso às novas tecnologias da informação e comunicação”. (ESTATUTO DA JUVENTUDE, 2013, web).

Contudo, mesmo nos dias atuais o acesso à internet e as novas tecnologias ainda são uma realidade distante para muitos jovens, sobretudo para aqueles que vivem em situação de pobreza. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015, feita pelo IBGE⁴, “em 2014, mais da metade dos domicílios (brasileiros) passaram a ter acesso à Internet, saindo de 48,0%, em 2013, para 54,9%. Em 2015, a expansão continuou ocorrendo, ao alcançar 57,8%, correspondente a 39,3 milhões de domicílios” (IBGE, 2016, p.40). Porém, a pesquisa também evidenciou que a quantidade de domicílios com acesso à internet é proporcional a renda domiciliar, assim, quanto maior a classe de rendimento mensal domiciliar per capita, maior o percentual de domicílios com internet:

Os domicílios da classe de rendimento mensal domiciliar per capita até 1 salário mínimo estavam abaixo da média nacional (57,8%), enquanto as demais classes apresentaram percentuais superiores à média nacional, alcançando 90,7% dos domicílios com mais de 5 salários mínimos. O menor percentual observado, 29,7%, refere-se aos domicílios pertencentes à classe sem rendimento a ¼ do salário mínimo (IBGE, 2016, p.41).

Além disso, o acesso à internet também está relacionado com a quantidade de anos de estudo. Ainda de acordo com a pesquisa feita pelo IBGE (PNAD 2015), o percentual de acesso à rede é inferior a média nacional (57,5%), para as pessoas que tem até 7 anos de estudo. Enquanto isso, para as pessoas com 8 ou mais anos de estudo, a proporção foi superior à média nacional. E, por fim, o maior percentual de utilização da internet foi observado na

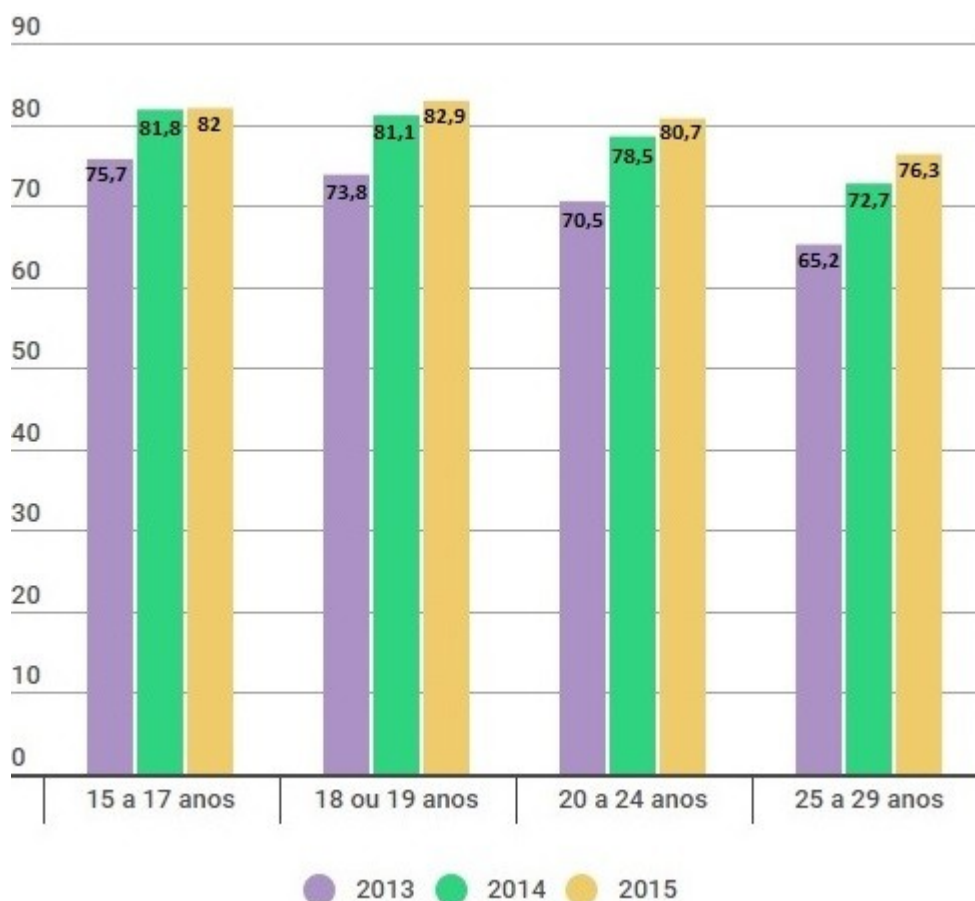
³Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm

⁴ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99054.pdf>

população com 15 anos ou mais de estudo, (92,3%).

Já em relação ao acesso à rede por distribuição etária, observou-se que os grupos mais jovens registraram os maiores percentuais de utilização da internet, conforme o gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Uso da Internet por grupo de idade – Brasil 2013 a 2015

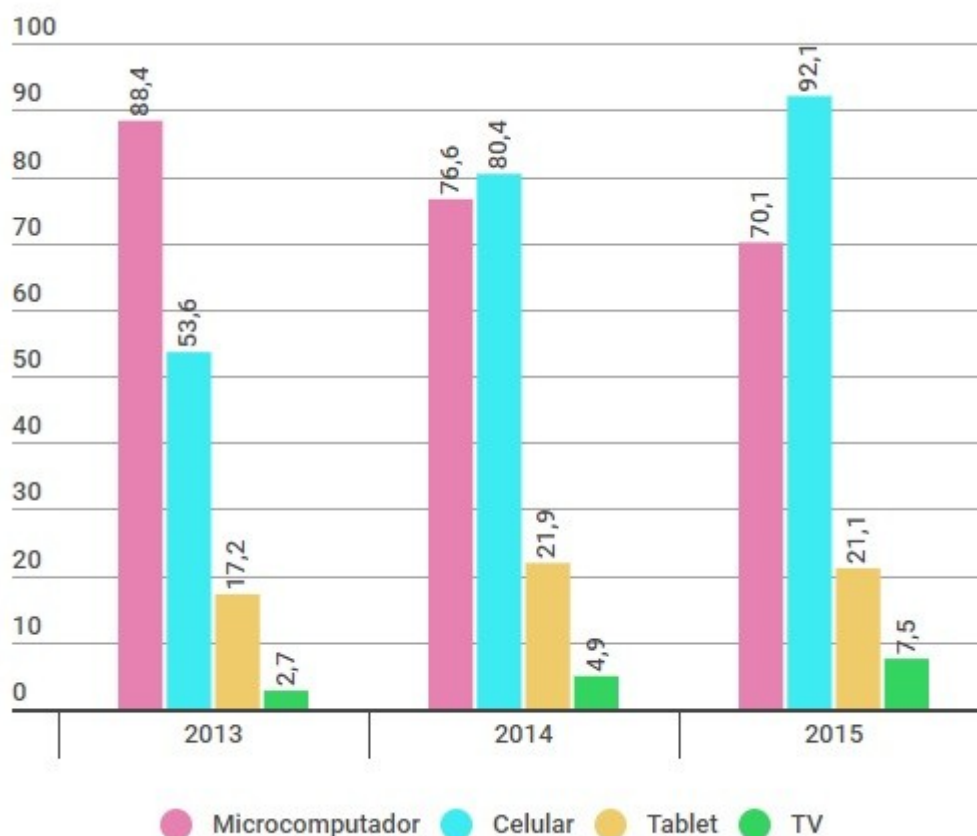


Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2013-2015 – Elaborado pela autora, 2017

No gráfico, é possível ver que houve um aumento do número de jovens com acesso à internet, entre as idades de 15 a 29 anos, desde de 2013 até 2015. E essa faixa etária é a qual tem mais acesso à rede, com destaque para o grupo de pessoas entre 18 e 19 anos, que tem a percentagem mais alta, de 82,9% em 2015. Enquanto isso, em 2015, a média percentual de pessoas que utilizaram a internet na faixa etária dos 10 a 14 anos foi de 69,1%, dos 30 ao 34 anos de 72,1%, dos 35 ao 39 anos de 65,7%, dos 40 aos 44 anos de 59,5%, dos 45 aos 49 de 60,8%, dos 50 aos 54 de 44,3%, dos 55 aos 59 de 36,4%, e, por fim, de pessoas com 60 anos ou mais a percentagem foi de 14,4% (IBGE, 2016, p. 48).

E em relação ao aparelho usado para acessar a internet, “em 2014, pela primeira vez, o uso do telefone celular para acessar a Internet ultrapassou o uso de microcomputador nos domicílios brasileiros” (IBGE, 2016, p.43). Isso fica evidente, no próximo gráfico:

Gráfico 2 – Tipo de equipamento utilizado para acessar à internet em domicílios



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2013-2015 – Elaborado pela autora, 2017

Os percentuais do gráfico mostram que, o acesso à internet feito pelo microcomputador ainda é alto, chegando a 70,1% dos domicílios que utilizam a internet. Contudo, o acesso nos domicílios feito pelo celular cresceu desde 2013, chegando em 2015 a porcentagem alta de 92,1%.

E especificamente em relação à juventude, “independentemente de gênero, idade e classe social, a internet é acessada tanto pelos computadores de mesa, quanto pelos celulares”, (JUVENTUDE CONECTADA, 2014, p. 45).

A Juventude Conectada foi uma pesquisa feita em 2014, com a idealização da empresa Telefônica-Vivo e realizada em parceria com o IBOPE Inteligência, com o Instituto Paulo Montenegro e com a Escola do Futuro – da Universidade de São Paulo (USP). A pesquisa teve

como objetivo “entender o comportamento do jovem na era digital e as transformações e oportunidades geradas a partir daí”, (JUVENTUDE CONECTADA, 2014, p. 07), e por isso foram entrevistados 1.440 jovens, das 5 regiões do país, sendo 200 do Sul, 645 do Sudeste, 200 do Centro-oeste, 195 do Nordeste e 200 do Norte.

E os dados apresentados por essa pesquisa mostraram que 73% desses jovens ouvidos acessam a internet majoritariamente de suas residências. E mesmo dentro de casas, o aparelho mais usado para acessar a rede foram os celulares. Isto porque, “para esses jovens, o celular aparece como opção preferencial por permitir a conexão à internet a toda hora e em qualquer lugar” (JUVENTUDE CONECTADA, 2014, p. 45).

E, tendo-se em vista esses jovens que acessam a rede, e têm acesso às novas tecnologias digitais, eles podem ser chamados de “juventudes digitais”, ou “juventudes conectadas”, sendo protagonistas de seu futuro e utilizando a internet como parte de seu cotidiano, seja para se entreter ou mesmo para buscar informações. E esse é justamente o público-alvo do site Participatório, já que este se encontra em um ambiente online e interativo.

Porém, nem sempre ter acesso à internet significa saber explorá-la em sua potencialidade. Assim, não basta que o Governo Federal vise ações que facilitem o acesso dos jovens a essas novas tecnologias. Torna-se necessário também que haja uma “conscientização” feita, por exemplo, nas escolas, para evidenciar como utilizar essas ferramentas não apenas como entretenimento, mais também de uma forma que vise a democracia, a deliberação e o acesso a conteúdos e informações de qualidade.

As tecnologias de informação e comunicação não são mágicas produtoras de igualdade. Não se trata de apenas favorecer conexões de “banda larga” para promover a “inclusão digital”. As desigualdades sociais também se expressam na forma de utilização das tecnologias. Isto não só porque a qualidade do acesso pode ser precária, mas também porque um jovem pode não dispor de conhecimento adequado para tratar a informação a que ele tem acesso. Referidas à “ordem técnica”, as chamadas “práticas digitais” estão relacionadas com distintas dimensões da vida social. Em outras palavras, as ações que visam a “inclusão digital” devem estar inseridas em um conjunto mais amplo de recursos materiais e simbólicos que visem assegurar direitos e promover a emancipação juvenil (BRASIL, 2014b, p.44).

E após compreender a questão da participação, da juventude e das NTIC, torna-se necessário também analisar mais a fundo as questões da interatividade da internet e das ferramentas da web 2.0, que são mecanismos atuais imprescindíveis de participação e mobilização. Assim, esse tema será aprofundado no capítulo a seguir.

3.3 CARACTERÍSTICAS DA WEB 2.0

Com o avanço da tecnologia, as relações sociais e a maneira com a qual se produz conteúdo sofrem significativas alterações. Se, antigamente as pessoas só conseguiam se comunicar com outras, distantes, por meio de cartas, hoje, com a internet é possível diluir as barreiras geográficas, já que qualquer pessoa que tenha um veículo que se conecte à internet, e à rede, consegue conversar ou trocar ideias e informações com pessoas de quase todas as partes do mundo. Além disso, como visto anteriormente em outros capítulos, a rede também propicia uma nova forma de produção de conteúdo. Antigamente, com os veículos midiáticos tradicionais como a televisão, o conteúdo era feito buscando atingir o maior número de pessoas possível, e era distribuído em apenas um horário e sem possibilidades grandes de interação com o público. Agora, com a internet são produzidos vários conteúdos, para várias pessoas, e elas podem escolher o que e quando querem ver algo.

E a própria internet, por ser uma tecnologia, também sofre mudanças e avanços. Um exemplo são as chamadas 'fases da web'. Pensando-se nessas fases como diferentes eras para o mundo on-line, se pôde compreender que cada uma delas traz inovações para o usuário. A primeira web, conhecida como web 1.0 permitiu que as pessoas pudessem acessar páginas e conseguir informações, mas infelizmente, essa relação era uma via de mão única, pois não era permitido ao usuário nenhum outro tipo de interação com essa página estática. Já a web 2.0 permitiu uma maior interatividade, pois agora, por meio das páginas dinâmicas, tornou-se possível que o usuário curta, compartilhe e comente na página. Outro aspecto importante é que as novas ferramentas dessa web permitiram também que o próprio usuário crie seu conteúdo, tornando a web 2.0 uma via de mão dupla, na qual se pode acessar e criar conteúdos.

Atualmente discute-se já a web 3.0 (web semântica) e web 4.0, que seria a inteligência artificial, que pode ser vista por exemplo, em assistentes pessoais como a Cortana do Windows 10, ou a famosa Siri, disponível em aparelhos da Apple. Contudo, como nosso objeto de estudo é o website do *Participatório*, que trabalha sobretudo sobre os aspectos das tecnologias da web 2.0, é nessa fase da web que concentraremos os estudos deste capítulo, para posteriormente, podermos analisar o website em si e as ferramentas que ele proporciona ao usuário.

3.3.1 O que é Web 2.0?

Em linhas gerais, a web 2.0 é o termo usado para designar a segunda era da internet, ou seja, a segunda geração de serviços e ferramentas oferecidos pela internet, tais como opções de comentar, curtir, compartilhar, tags e hiperlinks, que aprimoraram a usabilidade da rede, permitindo um maior grau de interação entre o usuário e a plataforma.

O crédito do termo 'web 2.0' foi atribuído a Tim O'Reilly, em 2004, quando houve uma 'conferência de ideias', entre as empresas *O'Reilly Media* e *MediaLive International*, ambas ligadas a conteúdos reacionados principalmente com as tecnologias da informação. No começo, houve especulações sobre se o termo viria realmente acompanhado de mudanças e novas tecnologias, ou se seria apenas uma estratégia de marketing e uma especulação mercadológica para atrair os usuários/consumidores. Hoje, mais de 10 anos após a sua criação, ficou claro que sim, essa nova fase da web trouxe imensas inovações e melhoras de usabilidade. Se na web 1.0 as páginas eram estáticas, e apenas serviam como um livro, em que o usuário procurava uma informação, lia e depois fechava a página, agora com a web 2.0 foi possível novas formas de interação, criação e compartilhamento do conteúdo. Na tabela a seguir, se apresenta as principais ferramentas que representam as mudanças da web 1.0 para a 2.0:

Quadro 1: Diferenças entre a web 1.0 e a web 2.0

Web 1.0	Web 2.0
DoubleClick	Google AdSense
Britânica Online	Wikipédia
Sites pessoais	Blogs
Publicar	Participar
Sistemas fechados	<i>Wikis</i>
Especulação de nome de domínio	Otimização de mecanismos de pesquisa
Taxonomia (diretório)	Folksonomia (<i>tagging</i>)

Fonte: Elaborada pela autora com base no texto de O'Reilly, disponível em:
<<http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>>

E isso só aconteceu, graças a combinação de tecnologias surgidas no final da década de 90, tais como serviços Web, linguagem Ajax, Web syndication, entre outras, que aumentaram a velocidade e consequentemente a facilidade do uso das páginas, proporcionando um aumento também de produção e acesso de conteúdos. Plataformas como Blogger, Facebook e YouTube permitiram também que o próprio usuário pudesse agora, ser um criador e gerenciador de conteúdo. Devido a esses fatores que a web 2.0 ficou conhecida como a web interativa, já que agora, ela passa a ser descentralizada e assim, o usuário torna-se um ser ativo e participante sobre a criação, seleção e compartilhamento de conteúdos postados em diferentes sites. Além disso, nesses ambientes virtuais, os arquivos ficam disponíveis on-line e podem ser acessados de diferentes lugares e momentos. É a “nuvem”, em que os arquivos ficam armazenados na própria web, sem necessidade de salvá-lo em um computador.

Por meio dessa web interativa, foi possível criar uma nova forma de comunicação e consumo de informações. Assim, se antes a comunicação era pensada nas massas, e era algo unilateral, agora, com essas ferramentas da web 2.0, foi possível criar um sistema, que, pelo menos em tese, se torna mais participativo e democrático.

3.3.2 Inteligência Coletiva

Em relação a essa interação e produção de conteúdo, podemos depreender que a web funciona melhor coletivamente. Um exemplo disso é o próprio site da Wikipédia. Nele são formulados conceitos sobre diversos temas ou assuntos. E são os próprios usuários quem escrevem e vão reeditando o artigo até ele estar bem completo. Outro exemplo, são os blogs, canais do YouTube, postagens no Facebook, Instagram e etc. Em todas essas redes sociais, o usuário é o protagonista, já que ele próprio também é responsável por criar conteúdos que serão acessados e servirão de entretenimento ou informação para outras pessoas.

Segundo O'Reilly (2005), ao evidenciar os princípios que caracterizam essa nova era da web, ele destaca a questão de como o hipertexto também possibilitou essa construção coletiva do conhecimento, já que permitiu a colaboração e revisão dinâmica. Agora, o próprio autor é produtor e também consumidor de conteúdos na internet (BLATTMANN; SILVA, 2007). E ainda de acordo com O'Reilly, a web 2.0 permitiu aperfeiçoar a usabilidade da rede, sobretudo por meio do que ele chama de “arquitetura de participação”. Um exemplo são as redes “peer-to-peer” (P2P), que são voltadas para a troca de arquivos digitais. Nesse tipo de

rede, cada computador também pode enviar ou baixar arquivos, sendo assim, um receptor ou servidor. Assim, mais uma vez entendemos porque a web 2.0 é voltada para as pessoas, já que agora quanto mais pessoas conectadas, mais arquivos e conteúdos estarão disponíveis na rede.

Dessa forma, se pode dizer que o ciberespaço é, ao mesmo tempo, forma e conteúdo cultural, modulador de novas identidades e formas culturais. (LEMOS, 2004). Por meio da rede surge uma inteligência coletiva, na qual o conhecimento é construído diariamente pelos próprios usuários e somente aqueles que fazem parte dessa cultura são capazes de compreender esse conhecimento. Assim, podemos afirmar que o ciberespaço é um ambiente aberto e dinâmico, que cria a cultura copyleft, a qual é personalizada e colaborativa. Essas são as comunidades virtuais, que são grupos que possuem interesses em comum, e usam o ambiente on-line para compartilhar, discutir e debater sobre coisas do mesmo interesse.

3.3.3 Comunidades Virtuais

As comunidades (ou nichos) virtuais ajudam a formar a inteligência coletiva na medida em que pessoas usam a interação e as ferramentas da web 2.0, para se conectar com outras pessoas, de diferentes lugares do mundo, as quais possuem interesses específicos em comum, e assim podem fazer da internet um espaço democrático, em que se pode discutir temas individuais ou de relevância coletiva, levar a opinião pública à reflexão e disseminar informações políticas e sociais. (VALENTE; MATAR; 2007).

Dessa forma, podemos dizer que o ciberespaço é alterado por essas comunidades, e, ao mesmo tempo, as próprias pessoas (usuários) também se transformam em decorrência do aprendizado e do acesso à conteúdos e culturas diferentes.

A comunicação consciente (linguagem humana) é o que faz a especificidade biológica da espécie humana. Como nossa prática é baseada na comunicação, e a Internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por essa nova tecnologia da comunicação. Por outro lado, ao usá-la de muitas maneiras, nós transformamos a própria Internet. Um novo padrão sociotécnico emerge dessa interação (CASTELLS, 2003, p.10).

Outra característica importante das comunidades virtuais, é a cultura colaborativa. No livro *Cultura da Convergência*, Henry Jenkins trabalha esse conceito por meio da cultura de fãs, em que fãs de algo se unem para “alimentar” de alguma forma esse universo que os fascina. Assim, a inteligência coletiva é mais uma vez alimentada por essas comunidades, criando novos modelos de produção cultural por meio da cultura participativa (JENKINS, 2009). Além disso, a interação coletiva feita por intermédio das comunidades virtuais,

também pode trabalhar questões políticas e sociais, e ser uma ferramenta cidadã na medida em que as pessoas podem exercer seus direitos ou mesmo articular o ciberativismo e os movimentos sociais, on e off-line.

Assim, se pode depreender que as ferramentas da web 2.0, caracterizadas pela interação e colaboração, possibilitam a formação de uma inteligência coletiva, e também uma nova compreensão e sentido para a participação, para a democracia, para o ativismo e para as identidades coletivas, que agora podem ser exercitadas no ciberespaço. E essa mobilização ocorre on-line na medida em que a internet permite acabar com as barreiras de tempo e espaço, possibilitando às pessoas com acesso à rede, que se tornem atores sociais. Ao mesmo tempo, essa mobilização no ciberespaço também pode se expandir para o meio off-line, uma vez que as pessoas discutem assuntos e marcam encontros na internet, que depois são também feitos nas ruas, como nas manifestações por exemplo.

E é pensando na rede como um espaço que possui um grande potencial articulador e mobilizador, que o próprio governo acaba criando sites para serem possíveis canais em que as pessoas podem exercer sua cidadania, como é o caso do *Participatório – Observatório participativo da Juventude*.

3.3.4 – Tags, hiperlinks, redes sociais, compartilhar, curtir e comentar

Tendo em vista o site do Participatório, vamos analisar algumas das ferramentas da web 2.0 que ele possui, tais como as tags, hiperlinks, entre outras.

Tags

As Tags são palavras-chaves usadas para relacionar informações semelhantes ou relacionadas. A palavra "Tag" em inglês significa etiqueta, e de acordo com a definição de Assis (2009), as tags são metadados que ajudam a organizar as informações e conteúdos, facilitando a busca do usuário ao procurar por essas palavras-chave. Além disso, as tags podem ser usadas em diversos mecanismos, como em sites, blogs, fotos, e até mesmo, no sistema de busca do Google.

Em sites e blogs, as tags costumam aparecer em forma de nuvem, em que há uma lista das tags mais usadas ou buscadas pelos usuários. Nela, cada tag serve como um link para as postagens relacionadas com aquela palavra. Este é o caso do site do Participatório, como fica evidente na imagem a seguir.

Figura 1 – Tags no site Participatório



Fonte: <http://juventude.gov.br/participatorio> Acesso em: 04/01/2017.

1- Ferramenta de tags no Paritipatório. Neste caso, as duas tags mais usadas são: banner e juventude. Ao clicar em qualquer uma dessas tags, o usuário é redirecionado para uma página com o link dos conteúdos relacionados com essa palavra. Exemplo, ao se clicar na tag "banner", o usuário é redirecionado para a seguinte página:

Figura 2 – Tag "Banner" Participatório

The screenshot shows the website juventude.gov.br/profile/participatorio/tags/banner#.WOPGj_krLIU. The page is titled "Participatorio da Juventude>Perfil>content_tagged Perfil". The main content area is titled "Conteúdo marcado com 'banner'" and lists several articles, including "Plano Juventude Viva: gestores e parceiros discutem violência contra jovens negros" and "Violência contra a juventude negra: o que eu tenho a ver com isso?". The left sidebar contains navigation menus for "Últimas notícias", "Eventos", "Iniciativas em destaque", "Programas da Juventude", and "ASSUNTOS" (with sub-items like "Segurança", "Educação", etc.). The right sidebar is titled "PARTICIPATÓRIO" and lists various services like "O que é", "Notícias", "Biblioteca Digital", etc. At the bottom, there is a pagination control showing "1 2 3 ... 8" and a social media sharing bar.

Fonte: <http://juventude.gov.br/profile/participatorio/tags/banner> Acesso em: 04/01/2017.

Hiperlink

O hiperlink é uma das ferramentas mais utilizadas por sites da web 2.0. Isso, porque esta é uma das ferramentas que permite interatividade, e modifica a navegabilidade linear da página, já que por meio de hiperlinks, o usuário pode “migrar” de uma página para outra.

É um texto que possui um conjunto de hiperlinks, com conteúdos relacionados, é chamado de hipertexto. Assim como explica Lévy (1993, p. 20): “um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos”. Desta forma, fica evidente que o hiperlink pretende ajudar as pessoas a criar conexões com outros conteúdos e informações, complementando-os.

O site do Participatório também possui essa ferramenta, o que facilita a sua navegabilidade.

Figura 3 – Hiperlink "Saiba Mais" no Participatório



Fonte: <http://juventude.gov.br/participatorio> Acesso em: 04/01/2017.

1 – Hiperlink “Saiba mais” no Participatório, o qual fica já na página inicial do site e funciona como um link para que o usuário possa ler mais sobre o artigo, caso tenha se interessado pelo assunto. Ao clicar nesse link o leitor é redirecionado para uma outra página com o artigo na íntegra. No caso do site Participatório, os hiperlinks não são utilizados em todos os artigos, e mesmo dentro dos textos o hiperlink também é muito pouco utilizado.

Redes Sociais

As redes sociais são sites que proporcionam a interação e a conversação on-line, e possuem ferramentas de participação, em que o usuário pode postar foto, texto, vídeo, curtir postagem de seus amigos, compartilhar, comentar e muito mais. Para Recuero (2009): “a grande diferença entre sites de redes sociais e outras formas de Comunicação Mediada pelo Computador é o modo como os primeiros permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço offline”.

Desta forma, fica evidente a teoria da autora de que nas redes sociais as pessoas mantêm o contato com pessoas que já fazem parte de suas vidas offline, e assim, as redes

sociais, seriam como extensões das vidas reais de seus usuários. Além disso, atualmente essas redes sociais também são meios importantes de disseminação de informações e conteúdos. Por meio da ferramenta compartilhar por exemplo do Facebook ou Twitter, é possível compartilhar com seus amigos ou seguidores algo que ache relevante.

Por isso que a maioria dos sites investem em divulgar suas redes sociais, e também estão sempre disponibilizando conteúdos nessas mídias. E no caso do Participatório, há espaço para interação com as redes sociais em locais diferentes do site, conforme as figuras a seguir.

Figura 4 – Redes Sociais – Secretaria Nacional da Juventude

The image shows a screenshot of the website 'Participatório da Juventude' from the 'Secretaria Nacional da Juventude'. The page features a header with navigation links like 'Participe', 'Acesso à informação', 'Legislação', and 'Canais'. A search bar is present with the text 'Buscar no Site'. Below the header, there are social media icons for Twitter, YouTube, Facebook, and Flickr, with a red box highlighting them and a '1' next to it. The main content area includes a section titled 'O que é?' with a date of '2 de Dezembro de 2014, 12:24' and a description of the participatory observatory. A sidebar on the left lists 'Últimas notícias', 'Eventos', and 'Iniciativas em destaque'. A sidebar on the right lists 'PARTICIPATÓRIO' and 'O que é' with sub-items like 'Notícias', 'Biblioteca Digital', and 'Revista Eletrônica'.

Fonte: <http://juventude.gov.br/participatorio> Acesso em: 04/01/2017.

1- Estão indicadas as redes sociais da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), em que o conteúdo do Participatório está atualmente inserido. Neste caso, o site possui 4 redes sociais: Twitter, Youtube, Facebook e Flickr. Ao se clicar encima de algum desses ícones, o usuário é redirecionado para a rede social da própria SNJ, que possui sua página própria com conteúdos. Na figura a seguir, temos a página da rede social Facebook, da Secretaria Nacional da Juventude.

Figura 5- Facebook Secretaria Nacional da Juventude



Fonte: <https://www.facebook.com/SecretariaNacionaldeJuventude> Acesso em: 04/04/2017.

1- Domínio do Facebook Oficial da página da Secretaria Nacional da Juventude. A página possui mais de trinta e cinco mil curtidas, e é atualizada várias vezes por dia, menos nos finais de semana.

E voltando ao site do Participatório, há também indicações para as redes sociais próprias dele:

Figura 6- Redes Sociais do Participatório

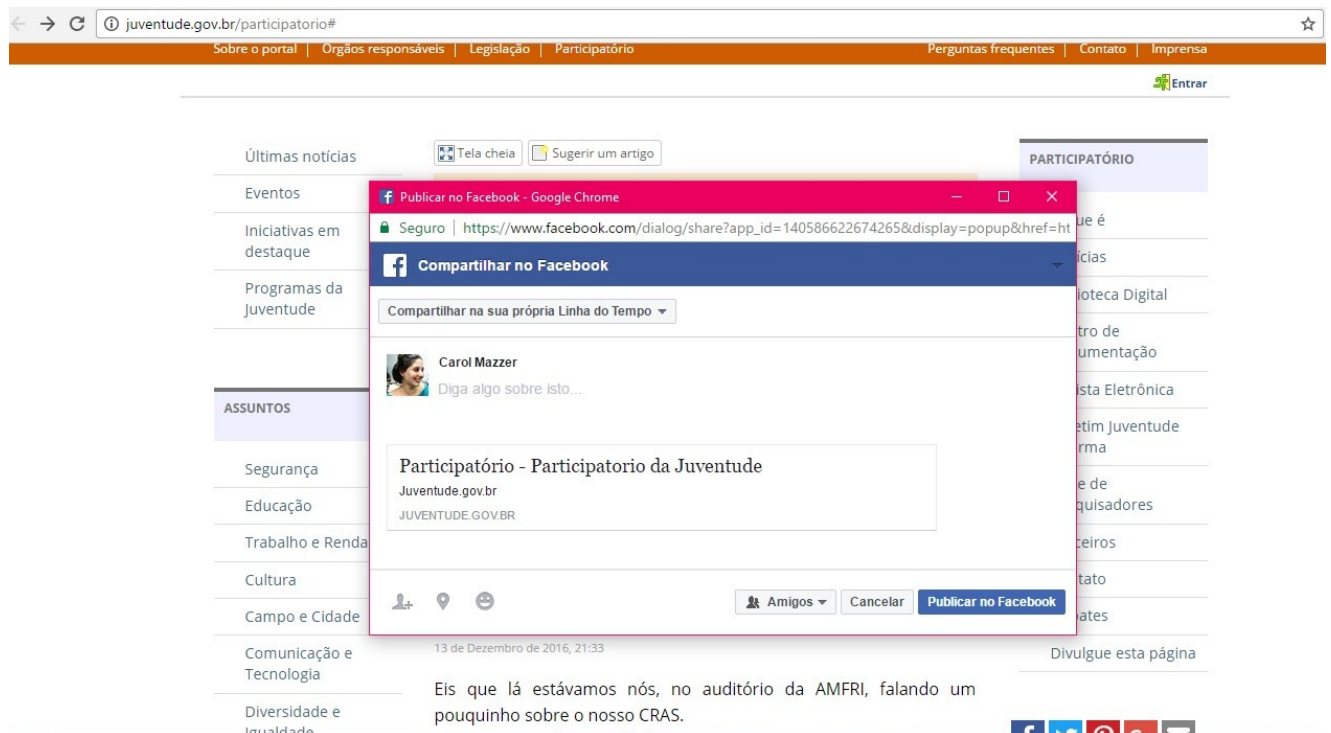
juventude.gov.br/participatorio#.WOPsiPkrLIX

The screenshot shows the website interface for 'Participatório'. On the left is a navigation menu with categories like 'Educação', 'Trabalho e Renda', 'Cultura', etc. The main content area features a news article under the heading 'Notícias' with the title 'Apresentação do CRAS na AMFRI'. The article text describes a presentation at AMFRI and mentions the CRAS. Below the text are buttons for 'sem comentários ainda' and 'Leia mais'. On the right side, there is a sidebar with 'Pesquisadores', 'Parceiros', 'Contato', 'Debates', and 'Divulgue esta página'. A red box highlights social media sharing icons (Facebook, Twitter, Pinterest, Google+, Email) with a red '1' next to it. At the bottom right, there is a logo for 'PARTICIPATÓRIO' and a button labeled 'Entrar na'.

Fonte: <http://juventude.gov.br/participatorio> Acesso em: 04/01/2017.

1- Redes sociais do Participatório, porém, diferentemente das redes sociais da SNJ, neste caso o usuário não é redirecionado para uma página própria, e sim é redirecionado para a sua conta pessoal (da rede social escolhida), a qual aparece a opção de compartilhar o Participatório, como fica claro na figura 7.

Figura 7 – Redes Sociais do Participatório - compartilhar



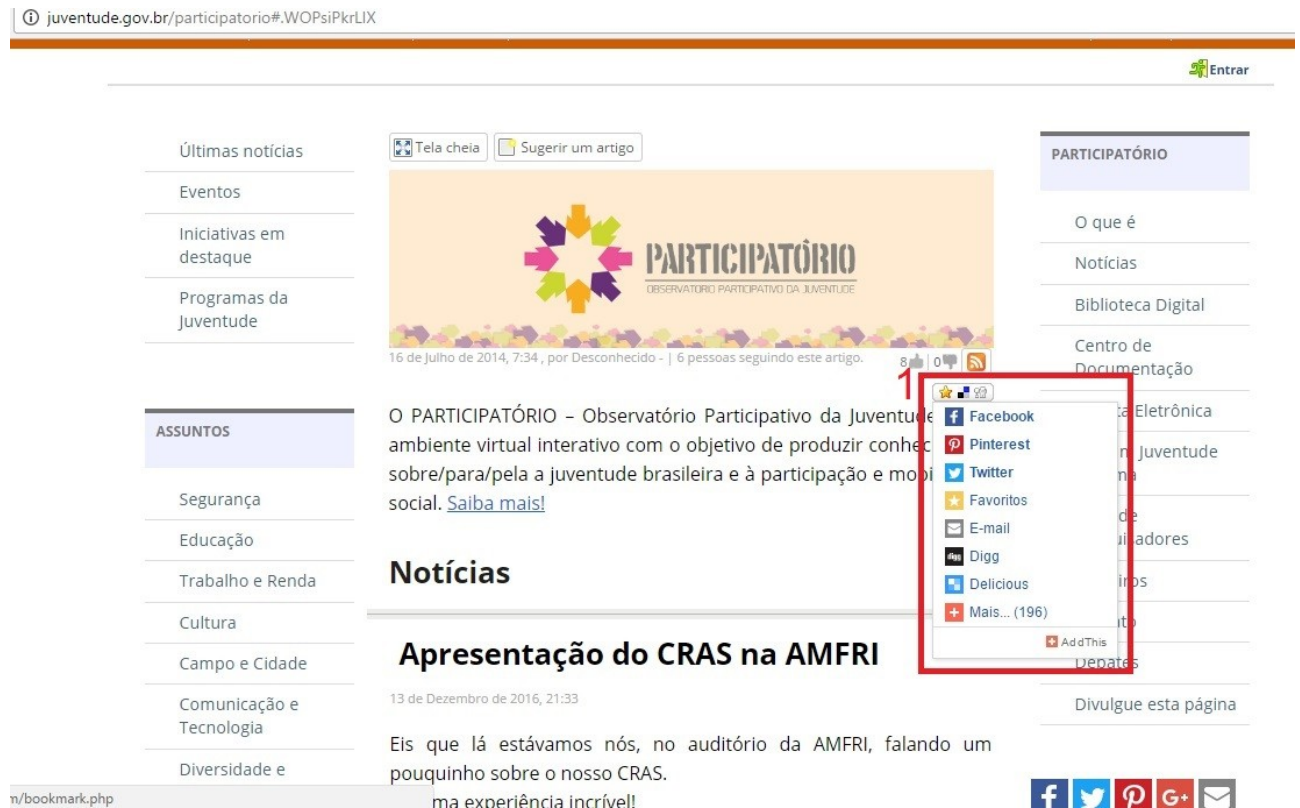
Fonte: <http://juventude.gov.br/participatorio> Acesso em: 04/01/2017.

Isso ocorre, pois anteriormente o Participatório era um site independente, o qual possuía suas próprias redes sociais. Porém, após alguns anos de sua criação, o conteúdo do Participatório foi incorporado ao site da Secretaria Nacional da Juventude.

Compartilhar

A ferramenta compartilhar, possibilita com que o usuário compartilhe um conteúdo ou página em suas redes sociais. A principal intenção ao compartilhar algo é dar maior visibilidade a esse conteúdo, aumentando seu alcance.

Figura 8 – Compartilhar página nas redes sociais



Fonte: <http://juventude.gov.br/participatorio> Acesso em: 04/01/2017.

1- No caso do Participatório é possível compartilhar o conteúdo em alguma rede social, por meio desse botão. Atualmente o compartilhamento de conteúdos do Participatório diminuiu, isto pois, os conteúdos estão desatualizados, levando a uma baixa taxa de engajamento.

Figura 9 – Divulgue esta página

The screenshot shows the website juventude.gov.br/participatorio#.WOPsiPkrLIX. The page features a navigation menu on the left with categories like 'Últimas notícias', 'Eventos', and 'Programas da Juventude'. A central banner for 'PARTICIPATÓRIO' is displayed, followed by a news article titled 'Apresentação do CRAS na AMFRI' dated 13 de Dezembro de 2016. On the right side, a sidebar menu includes 'PARTICIPATÓRIO', 'O que é', 'Notícias', and 'Biblioteca Digital'. A red box highlights a button labeled 'Divulgue esta página' with a red number '1' next to it. Social media sharing icons for Facebook, Twitter, Pinterest, Google+, and Email are located at the bottom right of the article.

Fonte: <http://juventude.gov.br/participatorio> Acesso em: 04/01/2017.

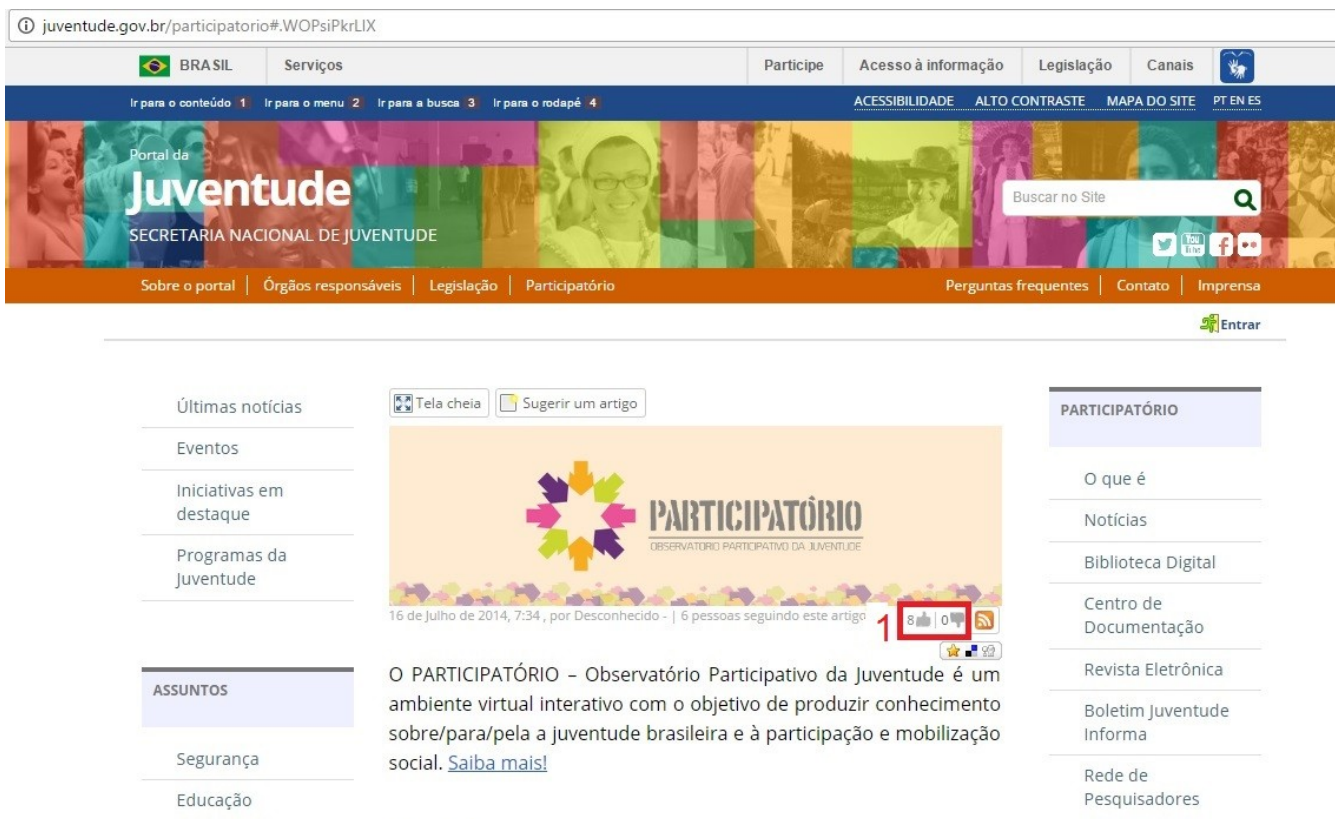
1- O Participatório também possui a ferramenta “Divulgue esta página”, que deveria redimensionar o usuário a compartilhar a página em alguma rede social. No entanto, o hiperlink está com problemas, e apenas atualizou a página.

Curtir

Uma das principais características da Web 2.0 é a interação, e isso é possível graças a ferramentas como o botão de curtir, disponível em redes sociais e também em sites e blogs. E a autora Raquel Recuero explica que o botão curtir é uma forma rápida e fácil de interagir:

.O botão 'curtir' parece ser percebido como uma forma de tomar parte na conversação sem precisar elaborar uma resposta. Toma-se parte, torna-se visível a participação, portanto, com um investimento mínimo, pois o ator não necessariamente precisa ler tudo o que foi dito. É uma forma de participar da conversação sinalizando que a mensagem foi recebida (RECUERO, 2014, p.119).

Figura 10 – Botões curtir e não curtir Participatório



Fonte: <http://juventude.gov.br/participatorio> Acesso em: 04/01/2017.

1 - No caso do Participatório o usuário tem disponível as ferramentas de curtir e não curtir. Porém, como já foi evidenciado, a taxa de engajamento do público com as ferramentas do portal é baixa. No caso acima, há apenas 8 curtidas na principal publicação do Participatório.

Comentar

Por fim, a última ferramenta que analisaremos é a de comentar. E essa também é uma ferramenta de interação muito importante, pois, por meio dela é possível que o usuário participe do conteúdo, escrevendo a sua opinião, o que pode gerar discussões e debates tanto com os autores do conteúdo, quanto com os outros usuários.

Os comentários, por sua vez, são as práticas mais evidentemente conversacionais. Trata-se de uma mensagem que é agregada através do botão da postagem original, é visível tanto para o autor da postagem quanto para os demais comentaristas, atores que “curtam” e compartilhem a mensagem e suas redes sociais. É uma ação que não apenas sinaliza a participação, mas traz uma efetiva contribuição para a conversação. O comentário compreenderia assim uma participação mais efetiva, demandando um maior esforço e acontecendo quando os usuários têm algo a dizer

sobre o assunto (RECUERO, 2014, p.120).

Figura 11 – Comentários Participatório

The screenshot shows the website interface for 'Participatório'. On the left, there is a navigation menu with categories like 'Trabalho e Renda', 'Cultura', 'Campo e Cidade', etc. The main content area features a news article titled 'Apresentação do CRAS na AMFRI' dated '13 de Dezembro de 2016, 21:33'. The article text describes a meeting at AMFRI and mentions the CRAS. Below the text, there is a comment button that says 'sem comentários ainda' (no comments yet), which is highlighted with a red box and a red '1'. To the right of the article, there are social media sharing icons (Facebook, Twitter, etc.) and a logo for 'PARTICIPATÓRIO'. At the bottom right, there is a 'TAGS' section with the word 'banner' and a list of tags: 'conjuve', 'direitos', 'editai'.

Fonte: <http://juventude.gov.br/participatorio> Acesso em: 04/01/2017.

1- O Participatório possui o botão de comentários em suas notícias. Porém o mesmo só pode ser feito por seus membros.

Em suma, se pode perceber que o Participatório é uma plataforma viável e interativa, já que possui várias ferramentas da web 2.0. Além disso, o usuário do site também pode se tornar um produtor de conteúdo, na medida em que pode criar discussões e etc. Ele também pode interagir com outros usuários, e assim ir constituindo seu conhecimento. Contudo, ao longo dos anos o site sofre diversas alterações, que modificam também a experiência do usuário. Essas e outras características serão analisadas no próximo capítulo.

3.4 – ANÁLISE E DESCRIÇÃO DO PARTICIPATÓRIO

3.4.1 – Sobre o Participatório

Criado pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), órgão da Secretaria-Geral da Presidência da República, o Participatório é uma “plataforma virtual interativa voltada à produção do conhecimento sobre a juventude e para a própria juventude, mediante participação e mobilização social” (Artigo 2º da Portaria 42), que “pretende promover espaços de participação, produção do conhecimento, mobilização e divulgação de conteúdos para temas relacionados às políticas públicas de juventude” (Artigo 3º).

O projeto de criação do Participatório teve seu início por volta de outubro de 2011, mas seu lançamento oficial ocorreu no dia 17 de julho de 2013, menos de 1 mês após o início das Manifestações ocorridas no Brasil no mesmo ano. O lançamento do site teve repercussão na mídia tradicional, e foi visto como uma resposta do Governo Federal às demandas populares, dentre as quais se destacavam a crise de representação política e a falta de diálogo com os governantes.

E além de ser uma resposta às Manifestações, o Participatório também foi criado para ser uma espécie de continuação das Conferências Nacionais da Juventude, que foram promovidas pelo Conjuve (Conselho Nacional de Juventude), e ocorreram no ano de 2008 e 2011, inaugurando a prática da participação social da juventude como um método de governo. Pela primeira vez o Governo Federal assume a juventude como sendo um seguimento “estratégico para o desenvolvimento nacional e para a construção de políticas públicas que assegurem a autonomia e o direito dos nossos jovens” (BRASIL, 2011).

A plataforma virtual do Participatório teve um investimento de R\$ 3 milhões entre os anos de 2012 e 2014. (BRASIL, 2014c. p. 35). Ela foi elaborada e desenvolvida em software livre, e no início ela deveria ser como uma rede social, a qual tinha como ideal “alargar os canais de comunicação e mobilização” (BRASIL 2012. p. 2). No ano de 2013 o site funcionou em sua versão BETA, e em janeiro de 2014, o Participatório entrou em sua versão final, “com interface completamente reformulada, com layout responsivo a *tablets* e *smartphones*, bem como seguindo as diretrizes da SECOM de identidade digital.”(BRASIL, 2014c, p. 46). Também no ano de 2014, o site passa por uma nova mudança, e no dia 1 de dezembro ele passa a integrar o Portal da Juventude, o qual junta em apenas um local os conteúdos relacionados à juventude.

A iniciativa da criação do Participatório contou com a parceria entre a Universidade Federal do Paraná, por meio do Centro de Computação Científica e Software Livre (C3SL), que se encarregou do desenvolvimento, hospedagem e manutenção da plataforma, e a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por meio da sua Escola de Comunicação (ECO/UFRJ), que propôs conteúdos para o site. (BRASIL, 2013b).

Sob responsabilidade da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) – ligada à Secretaria-Geral da Presidência da República (SGPR), órgão do Governo Federal –, o Participatório tem a proposta canalizar a participação da juventude, reunir conteúdos e provocar debates. Além disso, o site também tem espaço para pesquisadores sobre temáticas ligadas à juventude. Dessa forma, o público-alvo dessa plataforma digital são os jovens em geral, e sobretudo aqueles ligados a movimentos sociais, pesquisadores e gestores de políticas públicas.

E a respeito do nome do Participatório, ele é intencional, e pretende mesclar as duas principais diretrizes do projeto, que são a **participação social** e o **observatório**⁵. E como a própria plataforma aborda em sua página, o site foi criado com o intuito de “dialogar” com os jovens que se manifestavam on e off-line, evidenciando a sua insatisfação com a vida política. Assim, a proposta da Secretaria Nacional da Juventude era a de que a plataforma fosse ao mesmo tempo um espaço de comunicação, participação e produção de informação e conhecimento, ao estilo dos observatórios. De acordo com o texto oficial disponível no próprio site, os 3 principais objetivos do Participatório são:

- 1) Produzir conhecimento em rede. Ambiente para construção e produção do conhecimento em permanente processo de elaboração. Um espaço de articulação de saberes envolvendo a juventude, instituições de pesquisas, observatórios e grupos de pesquisa, gestores, ativistas, estudiosos, no Brasil e no exterior, ligados a questões, dilemas e políticas públicas de juventude.
- 2) Promover a participação em ambientes virtuais. Integrado à estratégia de participação social como método de governo, o Participatório, além de promover a construção do conhecimento sobre a Juventude brasileira, é um ambiente de comunicação entre pessoas. Um espaço para o diálogo, o debate e a interação de jovens, gestores, pesquisadores e demais formuladores das políticas de juventude.
- 3) Mobilizar e disputar valores da juventude. Espaço para disseminação de campanhas com relevância e potencialidades de absorção de conteúdo e valores relacionados aos temas que já estejam circulando pelas redes e ambientes sobre juventude. O espaço virtual tem uma articulação entre o debate e a mobilização presencial, ampliando e potencializando: valores, debates, eventos, atividades, que a

5 Os termos destacados em negrito pretendem evidenciar a formação do nome Participatório, que é uma junção de particip + atório.

Secretaria e seus parceiros venham a realizar. Um debate pode ser transmitido ao vivo pela web, provocando a repercussão nas mídias sociais.

Desse modo, o Participatório se coloca como instrumento para articular os três principais objetivos da Secretaria Nacional de Juventude, que são: produzir conhecimento em rede; promover a participação em ambientes virtuais; mobilizar e disputar valores da juventude (Brasil 2014b).

Em suma, o site se apresenta como um mecanismo fundamental para que os jovens pudessem expressar suas demandas, e também aumentar o seu conhecimento e produzir conteúdos relacionados aos temas que mais interessem a eles. Entretanto, a plataforma passou por mudanças significativas desde sua criação até os dias atuais. A seguir, serão analisadas quais as ferramentas do site foram alteradas, e será feita uma comparação entre dados do Participatório nos anos de 2013/2014, até 2017, com o intuito de evidenciar essas mudanças.

3.4.2 – Análise descritiva: ferramentas do site

Em 2014 era possível acessar o site do Participatório pelo seguinte domínio: <<http://participatorio.juventude.gov.br>>, e atualmente o domínio se modificou para <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Aparentemente apenas houve uma inversão dos termos no link. Contudo isso implica em grandes alterações para o site. A principal, é a de que antigamente o site era um site próprio, desvinculado do site da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ). Porém, a partir de dezembro de 2014 o site se tornou uma categoria dentro do próprio site da Juventude, o que provocou, por exemplo, com que muitos conteúdos fossem perdidos, e muitos links do site ficassem quebrados e sem uma correspondência de conteúdo na web.

Em relação à organização das ferramentas do Participatório, de acordo com um relatório feito pela SNJ sobre o balanço de sua gestão entre os anos de 2011-2014, a versão final do Participatório (que ficou disponível entre janeiro e novembro de 2014), continha a seguinte estrutura e distribuição do conteúdo:

Boletins Temáticos: boletins bimestrais, produzidos em parceria com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), com análise de dados sobre temas específicos que têm impacto sobre a juventude (educação, trabalho, cultura, saúde, dentre outros).

Revista Eletrônica Juventude e Políticas Públicas: revista eletrônica técnico-científica com seleção pública de trabalhos, de tiragem semestral.

Biblioteca Digital: reúne em um único local virtual a produção bibliográfica da SNJ, do CONJUVE e também de repositórios de Universidades sobre juventude.

Centro de Documentação e Pesquisa sobre Juventude e Políticas Públicas (CEDOC-PPJ): espaço de referência para documentação do acervo da SNJ e do CONJUVE, aberto à visitação do público. Também pode ser acessado virtualmente, por meio da Biblioteca Digital.

Rede de Pesquisadores de Juventude: espaço para divulgação sobre pesquisas em desenvolvimento e articulação de pesquisadores, intuições, observatórios que trabalham com as temáticas juventude e políticas públicas.

Dados e Indicadores: Informação pública para pesquisa com interface para gerar gráficos e mapas de forma fácil. (Ferramenta em desenvolvimento)

Consulta Pública: ferramenta para debate e deliberação sobre documentos e políticas de juventude.

Comunidades temáticas: propostas por qualquer usuário, que reúnem debates, blogs, páginas wiki, vídeos, chat e arquivos.

Blog: com notícias sobre redes e movimentos juvenis, ações da SNJ e do CONJUVE.

Transmissões online: de eventos, seminários e debates (BRASIL, 2014b, p. 46-47).

Já a respeito da estrutura de menus do site, em 2014, segundo Oliveira (2014, p.115) ele trazia os seguintes menus principais:

Figura 12 – Menu principal Participatório



Fonte: (OLIVEIRA, 2014, p. 115)

1- Domínio do Participatório em 2014 <<http://participatorio.juventude.gov.br>>.

2 – Menu principal do Participatório em 2014.

Atividades – espaço de atividades para as pessoas cadastradas no site, como mensagens, novos contatos em redes sociais, etc.

Comunidades – grupos criados ou já existentes para discussão de temas.

Membros – menu que traz o total e os nomes das pessoas que estão inscritas.

Vídeos – são listadas sugestões de vídeos publicadas pelos participantes.

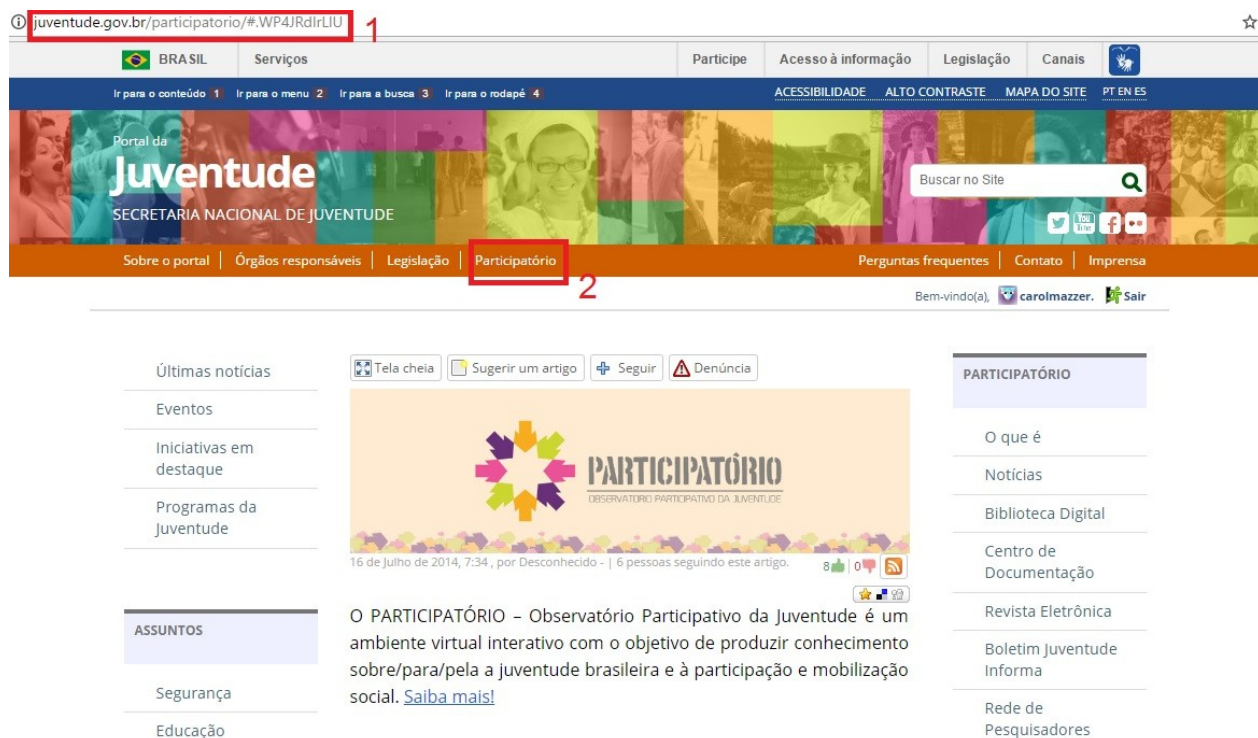
Debates – esse menu redirecionava o usuário para o mesmo acesso do menu Comunidades que trazia o nome Debates.

Blog – o campo *Blog* direciona o internauta a uma listagem de postagens sobre assuntos variados.

Mais – é o *link* que te dá acesso ao arquivo, *blogs* e *wikis*.

Como visto anteriormente, em dezembro de 2014, o Participatório passa a se integrar ao portal da SNJ, e atualmente o site é visto da seguinte forma:

Figura 13 – Participatório no portal da SNJ



Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 17/02/2017

1- Domínio atual do Participatório <<http://juventude.gov.br/participatorio>>.

2- Participatório passa a ser uma aba/categoria, dentro do portal da Secretaria Nacional da Juventude.

Atualmente, o menu principal do Participatório fica localizado em uma coluna à direita da página, conforme a figura a seguir:

Figura 14 – Menu do Participatório 2017



Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio/>>. Acesso em: 17/02/2017.

1- Coluna com os menus do Participatório, na página da Secretaria Nacional da Juventude. Todo o conteúdo do antigo portal agora foi suprimido apenas em uma coluna, o que pode dificultar o acesso dos usuários para as ferramentas antes disponíveis e dispostas em outros lugares do site.

O que é – abre um link que explica o porque do site, quando ele foi criado etc.

Figura 15 – O que é – Participatório 2017

The image is a screenshot of the website 'Portal da Juventude' (Secretaria Nacional de Juventude). The page title is 'Participatorio da Juventude > O que é? O que é?'. The article is dated '2 de Dezembro de 2014, 12:24', by 'Valessio Brito', and has 11 likes and 0 dislikes. The article text describes the Participatório as a virtual interactive environment for producing knowledge about youth participation and social mobilization. The page layout includes a top navigation bar with 'Participe', 'Acesso à informação', 'Legislação', and 'Canais'. A search bar is located in the top right. The main content area is flanked by sidebars: 'Últimas notícias' and 'Eventos' on the left, and 'PARTICIPATÓRIO' with a list of links on the right. The article title 'O que é?' is highlighted with a red box and the number '1'.

Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 21/04/2017.

1- O que é: a página fala sobre a criação do Participatório, explica sua função, público-alvo e etc. Também são informados o porque do nome do site, suas ferramentas e usabilidade. Contudo, após a plataforma migrar para o portal da Secretaria Nacional da Juventude, ela sofreu significativas alterações de layout, endereço e ferramentas. Porém estas não foram atualizadas ou explicadas novamente nesta página.

Notícias – mostra as notícias vinculadas a juventude.

Figura 16 – Notícias – Participatório 2017

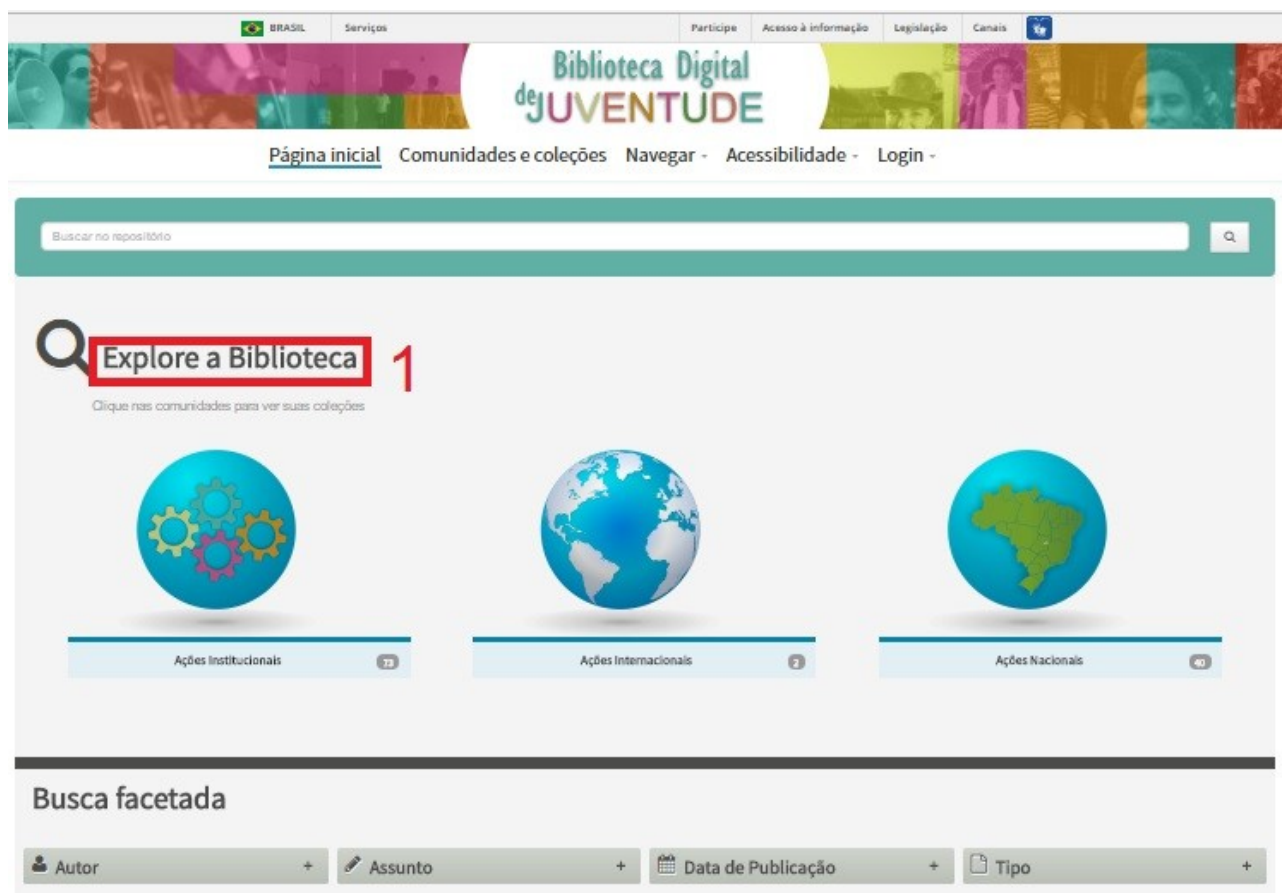
The screenshot shows the website interface for 'Participatório'. At the top, the URL is 'juventude.gov.br/participatorio/#.WPY8TtRrLIU'. The main navigation menu on the left includes categories like 'Trabalho e Renda', 'Cultura', 'Campo e Cidade', 'Comunicação e Tecnologia', 'Diversidade e Igualdade', 'Esporte e Lazer', 'Meio Ambiente', 'Participação Social', and 'Saúde'. A 'CENTRAIS DE CONTEÚDO' section lists 'Áudios', 'Vídeos', 'Imagens', and 'Publicações'. The main content area features a news article titled 'Apresentação do CRAS na AMFRI' dated '13 de Dezembro de 2016, 21:33'. The article text describes a meeting at AMFRI, mentioning the CRAS and the goal of improving social conditions for users. It also mentions an opportunity for planning and exchanging experiences with neighboring municipalities. The article concludes with 'Feliz, satisfeito com o sentimento do dever cumprido. Abraço a todos.' and includes buttons for 'sem comentários ainda' and 'Leia mais'. On the right side, there are links for 'Parceiros', 'Contato', 'Debates', and 'Divulgue esta página', along with social media icons for Facebook, Twitter, Pinterest, Google+, and Email. A 'PARTICIPATÓRIO' logo is also visible, along with an 'Entrar na' button and a 'TAGS' section with the tag 'banner'.

Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 21/04/2017.

1- Notícias no Participatório. Ao todo existem 75 páginas com notícias. A notícia mais recente “Apresentação CRAS na AMFRI”, tem a data de publicação 13 de dezembro de 2016. Enquanto isso, a última notícia disponível no site data 2 de julho de 2013. Além disso, é possível perceber que as notícias mais antigas possuem um número maior de comentários e curtidas, evidenciando que o grau de interação do público era maior nos anos anteriores.

Biblioteca Digital – reúne todo conteúdo relacionado à juventude. É possível fazer buscas pelo autor, assunto, data de publicação e tipo do arquivo.

Figura 17 – Biblioteca Digital – Participatório 2017



Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 21/04/2017.

1-Também é possível fazer buscas na Biblioteca Digital por meio dos tipos de ações, que são: institucionais, internacionais e nacionais. No entanto, a ferramenta da Biblioteca nem sempre funcionou. Ao acessar essa ferramenta no dia 19 de janeiro de 2017, a seguinte mensagem aparecia: “Essa transação foi rejeitada porque possivelmente viola a política de segurança da informação da Presidência da República. Entre em contato com o administrador do sistema para mais informações”. Porém, uma nova tentativa foi feita no dia 21 de abril do mesmo ano, e dessa vez a ferramenta funcionou, e foi possível procurar diversos conteúdos sobre a juventude.

Centro de Documentação – abre uma página explicando sobre o centro e como ele funciona.

Figura 18 – Centro de Documentação – Participatório 2017



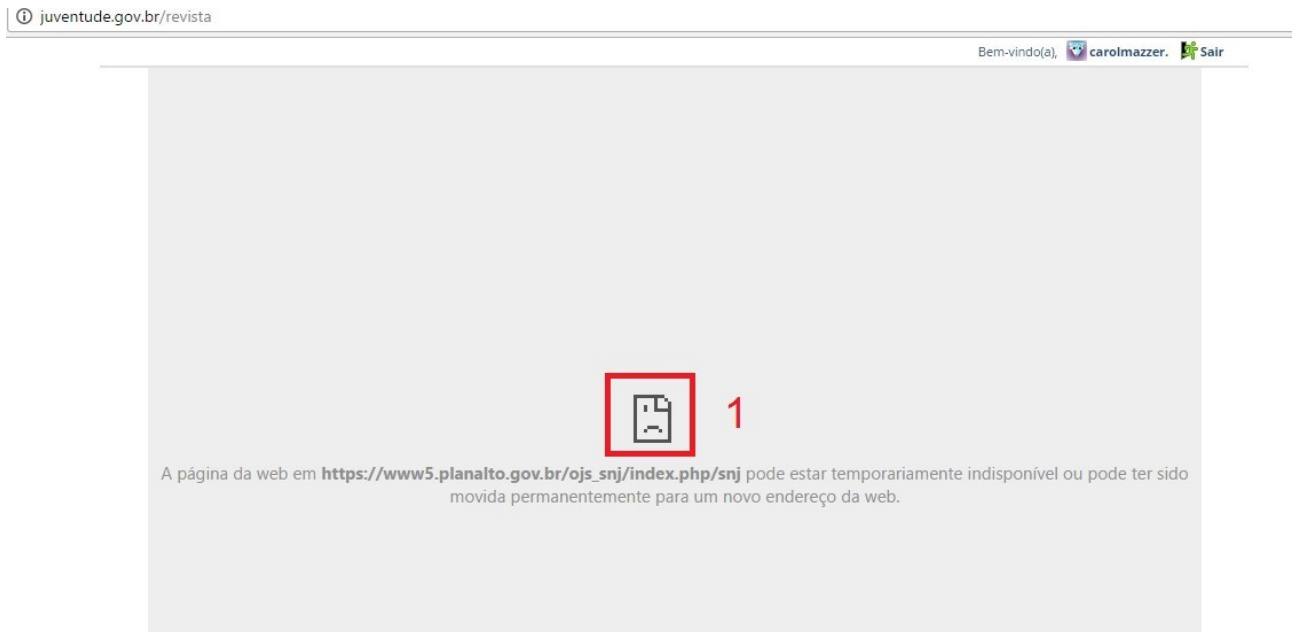
Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 21/04/2017.

1- A ferramenta abre uma página com informações sobre o Centro de documentação em Políticas Públicas da Juventude. O Centro possui uma sede física, localizada em Brasília-DF.

2- Na página, é possível observar um erro, já que a imagem de abertura não aparece.

Revista Eletrônica – ferramenta que disponibiliza uma página com as edições lançadas da Revista Eletrônica sobre a juventude.

Figura 19 – Erro Revista Eletrônica – Participatório 2017



Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 21/04/2017.

1- Várias tentativas de acesso à ferramenta foram feitas no período de março a abril de 2017. Porém em todo o período aparecia um link quebrado, o qual abre a página com erro.

Boletim Juventude Informa – abre uma página explicando sobre os boletins e disponibiliza os links de acesso para as edições de boletins publicados.

Figura 20 – Boletim Juventude Informa Participatório 2017

juventude.gov.br/participatorio/boletim-juventude-informa#.WPZFdtlrLIU

Bem-vindo(a), carolmazzar. Sair

Eventos

Iniciativas em destaque

Programas da Juventude

ASSUNTOS

Segurança

Educação

Trabalho e Renda

Cultura

Campo e Cidade

Comunicação e Tecnologia

Diversidade e Igualdade

Esporte e Lazer

Meio Ambiente

Tela cheia Divulgar Seguir Denúncia

Boletim Juventude Informa 1

5 de Fevereiro de 2015, 22:00, por Kobausk França Felix - sem comentários ainda | 1 pessoa seguindo este artigo.

Visualizado 2288 vezes

Com a parceria do Ipea, a Secretaria oferece novos subsídios para o debate sobre as políticas públicas de juventude, trazendo dados que evidenciam as transformações sociais, políticas e culturais das últimas décadas, além do perfil e comportamento dos jovens em diferentes contextos. O boletim tem periodicidade bimestral e estará disponível no blog do Participatório no portal da Juventude (<http://www.juventude.gov.br>) da Secretaria Nacional de Juventude.

Accesse os boletins na versão web:

[1ª Ed. - Boletim Junvetude Informa: Educação](#)

[2ª Ed. - Boletim Junvetude Informa: Trabalho](#)

O que é

Notícias

Biblioteca Digital

Centro de Documentação

Revista Eletrônica

Boletim Juventude Informa

Rede de Pesquisadores

Parceiros

Contato

Debates

Divulgue esta página

f t p g+ e

Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 21/04/2017.

1- De acordo com a página, os boletins informativos têm periodicidade bimestral, e possuem o objetivo de debater sobre as políticas públicas de juventude, trazendo dados e traçando o do perfil e comportamento dos jovens em diferentes contextos. Porém, há apenas dois boletins divulgados, que são do ano de 2014.

Rede de Pesquisadores – abre uma barra de busca de conteúdo de pesquisadores e o número atual de pesquisadores registrados no site.

Figura 21 – Conteúdo da Rede de Pesquisadores

juventude.gov.br/profile/pesquisadores

Rede de Pesquisadores em Políticas de Juventude

Espaço para divulgação sobre pesquisas em desenvolvimento e articulação de pesquisadores, intuições, observatórios que trabalham com as temáticas juventude e políticas públicas. Faça Parte!

Buscar no conteúdo de Rede de Pesquisadores em Políticas de...

Rede de Pesquisadores em Políticas de... Geral

PERFIL

Basic information

Profile created at: 19 de Julho de 2013
Tipo: Community
Members: 144
Admins: mariana.k.moura, Valessio Brito

Conteúdo

Blog: Um post
Imagens: 0 fotos
Tags: 2013 agenda juventude brasil america latina base de dados conjuve desenvolvimento dilma direitos. educacao encuesta forum homicidios homicidios. indice de desenvolvimento humano municipal ipea jovens **juventude** juventude participacao juvnetude liderancas lula mapa da violencia meu mundo most objetivos do milenio oij onu opiniao paris perfil **PESQUISA** politicas publica politicas publicas populacao saude trabalho unesco violencia

Interests

Participação Social

114 PESQUISADORES

Richard Batista Silveira, Andy, Thammi, Guilherme, Adrielle Saldanha, Sú, OJCT

Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 21/04/2017.

1- Na página da Rede de Pesquisadores também é possível fazer uma de conteúdos relacionados ao tema.

2- A página também mostra o número atual de pesquisadores cadastrados no portal, que é o de 114 pessoas, conforme a imagem a seguir.

Figura 22 – Número de Pesquisadores no Participatório

juventude.gov.br/profile/pesquisadores#.WQCIUdirLIU

Bem-vindo(a),  

114 PESQUISADORES



Grid of researcher profiles including: Anna Paula, Éverton Oliveira Mendes, Ana Cristina Santos, OJCT, Adrielle Saldanha, geovanny.ferreira.94, brunovanhoni, Rodrigo de Andrade, Regina Santos, Andy, Thammi, Lukinhas, Jorge Araújo, Édipo Renan Martins Barros, Crystal França Amorim de Almeida, Richard Batista Silveira, Clareana Cunha, Lucas Basilio, lucianosb, HELDER SANTOS ROCHA, Júlia Corrêa.



Ver todos(as) ▶

Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 26/04/2017.

Parceiros – mostra os membros do site.

Figura 23 – Parceiros do Participatório

juventude.gov.br/participatorio/parceiros#.WQCI_9lrLIU

Bem-vindo(a),  

Últimas notícias

Eventos

Iniciativas em destaque

Programas da Juventude

Participatorio da Juventude>Parceiros
Parceiros

Tela cheia | Divulgar | Seguir | Denúncia

Parceiros 1 0 | 0

2 de Dezembro de 2014, 12:25, por Valesio Brito - | Ninguém está seguindo este artigo ainda.

Visualizado 417 vezes

ASSUNTOS

155 PARTICIPANTES 2

Segurança

Educação

Trabalho e Renda

Cultura

Campo e Cidade

Comunicação e Tecnologia

Bruna Calasans | Claudinha | Sú | Francisco Rodrigues | Dani

Michelle Mayrink Favre | Leticia Maria Alves dos Santos | Beatriz Pires Coltro | Nana | tonythieu

Ver todos(as) ▶

PARTICIPATÓRIO

O que é

Notícias

Biblioteca Digital

Centro de Documentação

Revista Eletrônica

Boletim Juventude Informa

Rede de Pesquisadores

Parceiros

Contato

Debates

Divulgue esta página

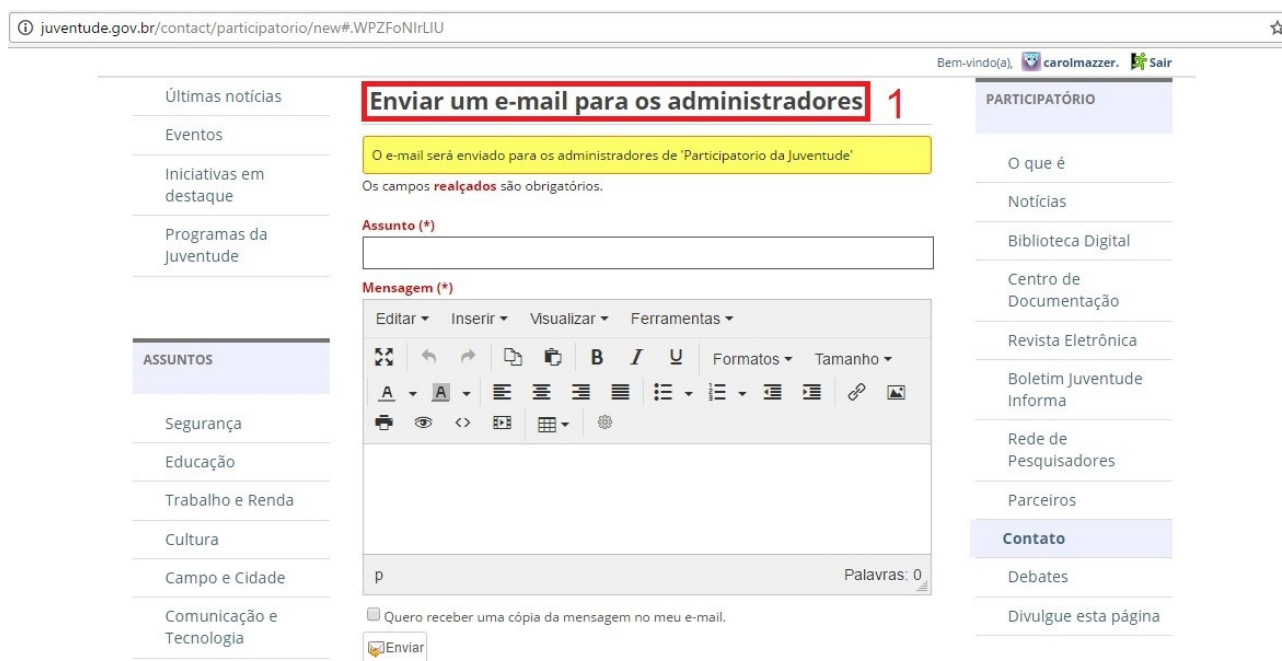
Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 26/04/2017.

1- O site não deixa claro quem são os parceiros do portal.

2 – A página parceiros também mostra o número de participantes cadastrados no site (que não são pesquisadores). Atualmente esse número é de 155 pessoas.

Contato – abrem opções para você se cadastrar e enviar um e-mail para os administradores.

Figura 24 – Entrar em contato com os administradores do site



Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 26/04/2017.

1- Para enviar um e-mail de contato, se o usuário já está logado no site, é necessário apenas preencher o assunto e escrever a mensagem. No entanto, se o usuário não é cadastrado, ele terá de preencher também um campo com seu nome e seu e-mail. O portal não deixa claro quem são os administradores, nem quanto tempo demora para eles responderem as mensagens.

Debates – É a única ferramenta que se mantém após a migração do Participatório para o site da Secretaria Nacional da Juventude. Com esta ferramenta é possível criar debates e comentar as discussões dos debates já existentes.

Figura 25 – Ferramenta Debates – Participatório 2014



Fonte: (OLIVEIRA, 2014, p. 118)

1- Em 2014 o portal possuía vários debates em aberto. Dentre eles, se destacam temas como: reforma política, PT e participação. Já em 2017, o engajamento realizado nesta ferramenta é bem menor, conforme mostra a imagem seguinte.

Figura 26 – Ferramenta Debates – Participatório 2017

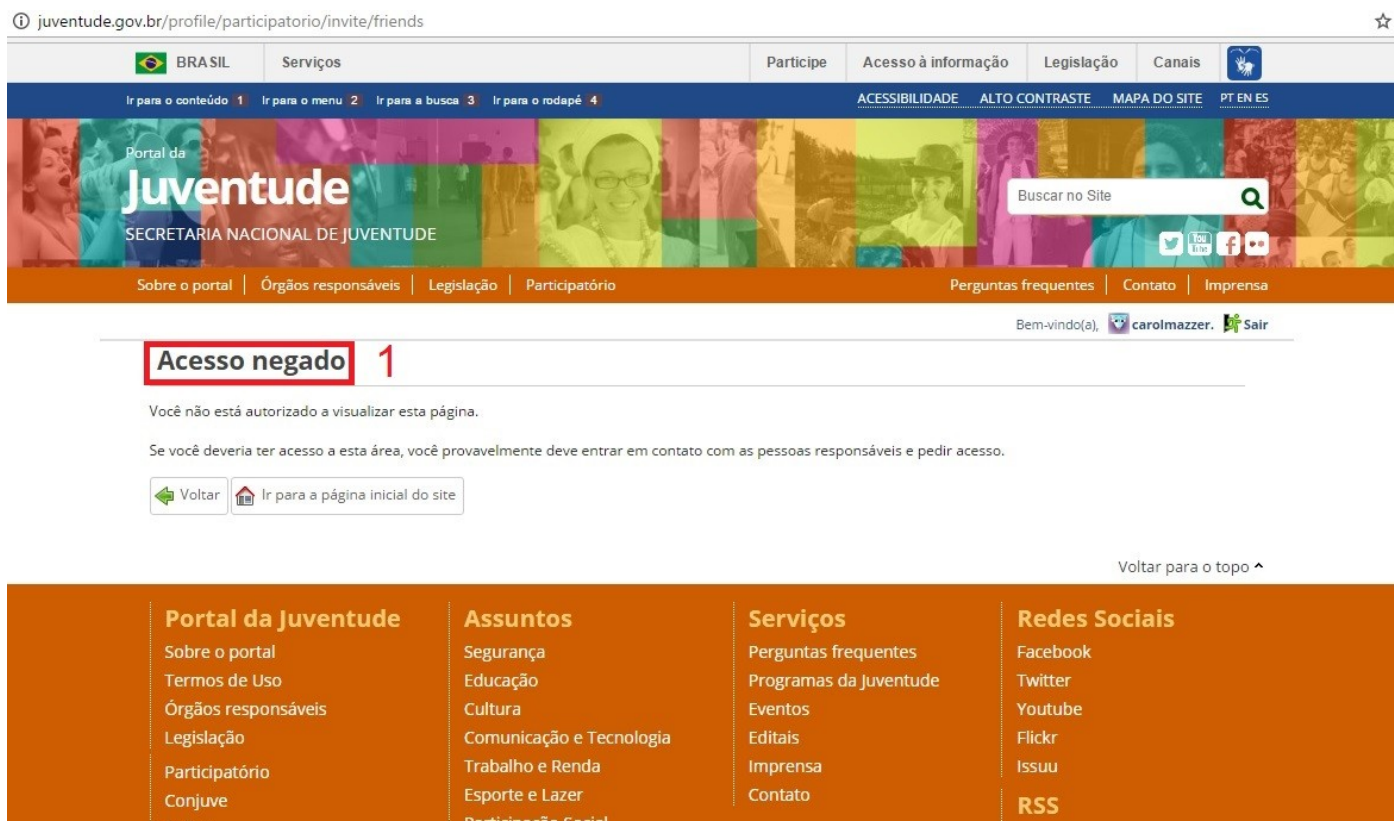
The screenshot shows the 'Participatório da Juventude' website interface. At the top, the URL is 'juventude.gov.br/participatorio/debates#.WPZF2tIrLIU'. The page title is 'Participatório da Juventude > Debates'. On the left, there are navigation menus for 'Últimas notícias', 'Eventos', 'Iniciativas em destaque', and 'Programas da Juventude'. Below these is a vertical menu for 'ASSUNTOS' with categories like 'Segurança', 'Educação', 'Trabalho e Renda', 'Cultura', 'Campo e Cidade', 'Comunicação e Tecnologia', 'Diversidade e Igualdade', and 'Esporte e Lazer'. The main content area features a 'Debates' section with a topic 'Participação no participatório' dated '7 de Agosto de 2014, 7:33', by 'Valesio Brito', with '1 pessoa seguindo este artigo'. It shows '6' posts and the 'Último post' by 'MONICA CATARINA DE SOUZA BASTOS RAMOS' from 'mais de 1 ano'. Below this is a list of '155 PARTICIPANTES' with profile pictures and names: Júlia Corrêa, Cintia Beatriz Cordeiro dos Santos, Michelle Mayrink Favre, Nana, Amanda Sanchez de Oliveira, Caru, Renan Felippin Sambo, Alex, Guilherme, and Lucas Soares Batista Alves. On the right, there is a 'PARTICIPATÓRIO' sidebar with links like 'O que é', 'Notícias', 'Biblioteca Digital', 'Centro de Documentação', 'Revista Eletrônica', 'Boletim Juventude Informa', 'Rede de Pesquisadores', 'Parceiros', 'Contato', and 'Divulgue esta página'. At the bottom right, there are social media sharing icons for Facebook, Twitter, Pinterest, Google+, and Email, along with a 'Ver todos(as)' button.

Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>> Acesso em: 26/04/2017.

1 – Em 2017, no dia vinte e seis de abril, havia apenas um debate, intitulado “Participação no Participatório”. A data do tópico é de 7 de agosto de 2015. Isso evidencia que os debates antigos foram excluídos, e que atualmente a ferramenta praticamente não é utilizada.

Divulgue esta página – era para abrir uma página para divulgar o site nas redes sociais, porém, no dia 26 de abril de 2017, mesmo já logado no site aparecia uma mensagem de acesso negado, conforme a figura a seguir.

Figura 27 – Acesso negado – Ferramenta Divulgue esta página



Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 26/04/2017.

1- A ferramenta deveria apenas divulgar o Participatório nas redes sociais, porém, aparece a seguinte mensagem: “Você não está autorizado a visualizar esta página. Se você deveria ter acesso a essa área, você provavelmente deve entrar em contato com as pessoas responsáveis e pedir acesso”. Isso evidencia que o link está corrompido, e também mostra que algumas ferramentas não estão disponíveis para o público em geral, e sim apenas para algumas pessoas que possuem acesso.

No geral, percebemos que alguns links do site estão ou bloqueados ou corrompidos. Além disso, o site se tornou um pouco confuso, pois agora como ele faz parte do site da Juventude, se misturam conteúdos de ambos os websites. Ferramentas como vídeos, por exemplo, que faziam, parte do menu principal do site, agora ficam localizadas ao lado esquerdo, em um menu secundário, que mostra o conteúdo da SNJ. Além disso, foi possível detectar uma falta de usabilidade do site e seus recursos. Os debates por exemplo, eram

fomentados em 2014, e agora estão parados, com a última discussão datada em 2015.

Outro aspecto que também sofreu significativas mudanças foram as redes sociais do Participatório, que antigamente estava presente no Facebook, Twitter e YouTube. Atualmente, o site já não possui uma página no Facebook. A última atualização do Twitter foi feita em 11 de março de 2015 e o último vídeo no canal do Participatório no Youtube também foi postado há mais de 2 anos.

Figura 28 – Facebook do Participatório em 2014



Fonte: (OLIVEIRA, 2014, p. 121)

Figura 29 – Facebook Participatório 2017: página indisponível



Fonte: <www.facebook.com/Participatorio>. Acesso em 17/02/2017.

Figura 30 – Conta do Twitter do Participatório



Fonte: <www.twitter.com/participatorio>. Acesso em 28/04/2017.

Figura 31 – Canal do YouTube do Participatório



Fonte: <www.youtube.com/user/participatoriojovem>. Acesso em: 28/04/2017.

Nas tabelas a seguir, se compara os números de usuários e engajamento do público do Participatório nas redes sociais, no ano de 2014 e 2017.

Quadro 2 – Dados Participatório nas redes sociais em janeiro de 2014

Dados do Participatório nas redes sociais em 2014

Curtidas no perfil Participatório no Facebook	4.257
Alcance das postagens do perfil Participatório no Facebook	8.304
Seguidores no perfil Participatório no Twitter	659
Vizualizações no YouTube do Participatório	7.673

Fonte: (Brasil, 2013, p.21)

Quadro 3 – Dados Participatório nas redes sociais em 2017

Dados do Participatório nas redes sociais em 2017

Seguidores no perfil Participatório no Twitter	2.016
Vizualizações no YouTube do Participatório	1.742

Fonte: produzida pela autora com base nos dados disponíveis nas redes sociais. Acesso em: 28/04/2017

Analisando os dados, se pode perceber que o número de seguidores do Participatório no Twitter teve um crescimento positivo, mesmo sem gerar novos conteúdos. Enquanto isso, o número de visualizações no YouTube diminuiu, o que pode evidenciar, por exemplo, que alguns vídeos foram excluídos do canal.

3.4.3 – Análise qualitativa: comparação entre os objetivos e os resultados atuais

Visto um panorama geral das ferramentas do Participatório, se pretende analisar como essas ferramentas correspondem atualmente com os 3 principais objetivos da criação do site, que são: produzir conhecimento em rede; promover a participação em ambientes virtuais; mobilizar e disputar valores da juventude. (Brasil 2014b.) Desta forma, se pretende analisar os dados e as ferramentas desde a sua criação (em 2013), até a configuração atual, e ver se o Participatório consegue atingir seus objetivos. Outro ponto importante é analisar a integração do site para o portal da Secretaria Nacional da Juventude, seus impactos, e projeções para o futuro.

Como visto anteriormente, o próprio site Participatório foi criado para ser como uma rede social, já que considera os jovens como sendo o público mais ativo no ambiente online. Desta forma, o Participatório é feito com a intenção de servir como um canal interativo, no qual a juventude pudesse se informar e também participar.

Inspirado nas redes sociais, o Participatório foi concebido como uma plataforma virtual, elaborada e desenvolvida em software livre, para ser um ambiente público de construção coletiva e divulgação de conhecimento, em que cada participante tenha total acesso às informações e que possa compartilhá-las (BRASIL, 2014, p.45).

E pensando-se no conceito do que é um site de rede social, de acordo com a definição de Boyd & Ellison (2007), sites de redes sociais são como sistemas que permitem: i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários e iii) a exposição pública da rede social de cada ator (RECUERO, 2009, p.121). Assim, pode-se perceber que no começo o Participatório cumpre sua proposta de ser inspirado nas redes sociais, já que nele o usuário cria um perfil, e a partir daí ele pode interagir com os outros usuários, por mensagens, comentários, debates e discussões.

Contudo, algum tempo após a sua criação, o enfoque deixa de ser os debates nas comunidades, e passa a ser a convocação para eventos e as transmissões feitas ao vivo. Assim como evidencia Souza (2015, p.11): “Isso é visível até no espaço de maior destaque da ferramenta, que passa das comunidades para as convocações para eventos e oficinas. Ou seja,

a participação segue importante, mas perde um pouco seu espaço para eventos”.

Deste modo, se pode depreender que em um primeiro momento (2013) o Participatório focaliza na promoção da mobilização da juventude e também na construção de conteúdos. Isso fica evidente também, no “Almanaque do Participatório 2013/2014” (BRASIL, 2014a), o qual traz uma linha do tempo com as principais atividades desenvolvidas pelo site. E ao se analisar o ano de 2013, percebe-se que os criadores do site promovem e transmitem diversos eventos, com temas ou movimentos sociais ligados à juventude. Já em relação à participação no site, são produzidas apenas duas oficinas on-line e dois debates com os respectivos temas: “O renascimento do parto”, e “Saúde, Juventude e Combate à Violência”.

Em 2014, ainda de acordo com o Almanaque oficial do Participatório, a estratégia do site também foi investir mais em mobilizar a juventude. Para tanto, foram realizadas cerca de 20 coberturas de eventos, dentre os quais, alguns foram até mesmo transmitidos ao vivo pelo portal. Grande parte desses eventos foram feitos com grupos ligados a instituições de ensino ou a movimentos sociais, e destes, alguns já tinham parceria com a Secretaria Nacional da Juventude. Também observou-se que os eventos ocorreram em diversas regiões do país.

Alguns exemplos de eventos realizados são: Fórum de Monitoramento Participativo Interconselhos (Fompi), que ocorreu em 26 e 27 de março de 2014, em Brasília. O Participatório fez a transmissão ao vivo; Lançamento do Plano Juventude Viva em Vitória (ES). O evento aconteceu no dia 2 de maio de 2014, e o Participatório fez a cobertura com matérias e fotos; e, por fim, 2º Diálogos Governo - Juventude Rural, que foi promovido no dia 3 de julho, em Brasília. O Participatório realizou a transmissão ao vivo, e também fez uma cobertura com narração nas redes sociais, além de fotos e uma matéria.

E a respeito da possibilidade efetiva de participação no Participatório em 2014, além das ferramentas tradicionais disponíveis no menu do site, também foram feitas campanhas em que os usuários puderam participar diretamente. A primeira delas foi a campanha #EleiçõesCONJUVE, em que o Participatório acompanhou o processo eleitoral on-line de contratação dos novos membros. Além disso, no mesmo ano o site também promoveu uma consulta pública sobre a Conferência Mundial da Juventude de 2014, que ocorreu em Colombo. A consulta pública serviu de base para a construção de um documento que seria levado ao evento.

Por fim, em relação a produção de conhecimento em rede, em 2014 o Participatório inaugurou a Biblioteca Digital do site, promoveu encontros entre pesquisadores sobre a

juventude, e lançou a primeira revista eletrônica sobre juventude e políticas públicas.

Dessa forma, pode-se depreender que o saldo do Participatório nos anos de 2013 e 2014 é positivo, já que o site cumpre com os seus objetivos, ao proporcionar a participação, mobilização e criação de conteúdo sobre a juventude. Contudo, um ponto de extrema relevância é o de que em alguns momentos o site fica disponível apenas no “modo leitura”, o que prejudica a comunicação, participação e uso das ferramentas do site pelos usuários.

O primeiro momento em que o portal fica desse modo, ocorre durante o período eleitoral de 2014, que durou desde o dia 5 de julho, até 26 de outubro. Foram quase quatro meses em que o site ficou disponível apenas para ser lido. Era impossível criar comentários, discussões, debates e etc. Há uma lei que veta a disseminação de conteúdos por órgãos do governo, durante os três meses que antecedem o primeiro turno, até o final do pleito. Assim, seria incorreto que a plataforma fosse utilizada para divulgar qualquer conteúdo que servisse como “mobilização eleitoral”. No entanto, a plataforma deveria ter continuado aberta para que os cidadãos pudessem usá-la conforme o seu propósito, que era exprimir suas demandas e expectativas.

Outro período em que o Participatório fica disponível apenas para visualização, ocorre entre os dias 21 e 30 de novembro de 2014, quando o site passa por grandes modificações. Ele então é “reaberto” ao público em 1 de dezembro, quando passa a integrar a plataforma da Secretaria Nacional da Juventude.

E de uma forma geral, esse processo é prejudicial para os usuários. Primeiro, pois como foi visto, as ferramentas (menus) modificam-se, e as que permanecem mudam de lugar. Além disso, alguns conteúdos também são perdidos nesse processo. Um exemplo são as ferramentas como “Comunidades” e “Blog”, que desaparecem, impedindo o acesso a todo conteúdo gerado anteriormente. O tópico “Debates” é um dos únicos que continua no menu principal. Porém, os debates anteriores somem, e pouquíssimos debates novos são criados, evidenciando um baixo engajamento e interação dos usuários com a nova plataforma.

Depois disso, nos anos de 2015 a 2016, não são mais divulgados relatórios oficiais sobre os dados específicos do Participatório, assim, fica difícil analisar de maneira geral, quais foram os seus dados em relação ao uso feito pelos usuários da plataforma. Porém, a análise feita na sessão anterior, permitiu ver que em 2017 o Participatório tem um baixo índice de usabilidade. Debates, e notícias estão desatualizados, sendo que o último debate criado data 2015. Já a última notícia publicada data 13 de novembro de 2016. Outra

ferramenta que deixou de ser usada foram os “Boletins Juventude Informa”. A ideia era que fosse gerado semestralmente um novo boletim. No entanto, só houve duas edições do documento, sendo a última datada em outubro de 2014.

Outro ponto analisado, foram as redes sociais do Participatório, que ou deixaram de existir, ou estão desatualizadas há mais de 2 anos. Assim, podemos ver que a migração do site para o portal da SNJ acabou sendo negativa, quando se verifica a baixa usabilidade e engajamento. Em suma, ao analisar o Participatório antes, em comparação com sua configuração atual, dentro do novo site, é possível aferir que suas ferramentas foram suprimidas, tornando-se apenas um tópico dentro do grande portal da Secretaria. Assim, se pode afirmar, que em sua atual forma, o Participatório deixa de cumprir com os objetivos propostos em sua criação em 2013. Essas e outras perspectivas, são analisadas novamente nos tópicos a seguir.

3.4.4 Discussões

A partir da análise do Participatório, e de seu histórico, foi possível perceber que a plataforma passou por diversas mudanças desde sua criação. E a principal delas, foi a migração do site para o portal da Secretaria Nacional da Juventude. Após essa migração, como foi visto, o Participatório deixa de ser um site independente, e passa a ser apenas um recurso dentro da nova plataforma. Assim, se percebe que o site tem conteúdos e ferramentas suprimidos, passando então a ter uma função quase que apenas ilustrativa.

Outros períodos em que o Participatório teve suas ferramentas suprimidas ocorreram durante os períodos eleitorais, em que o site ficou disponível apenas no “modo leitura”. Além disso, o site também passou por alterações após a mudança do governo de Dilma Rousseff para o de Michel Temer.

E levando-se isso em conta, torna-se necessário também, averiguar brevemente o contexto político vigente. A Secretaria Nacional da Juventude foi criada em 2005, durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva. Já o Participatório entra no ar em 2013, ano em que o Brasil era governado pela presidente Dilma Rousseff. E de acordo com a Secretaria Geral da Presidência da República, o objetivo do site era: “Promover e articular as políticas públicas de juventude e consolidá-las como políticas de Estado, de modo a reconhecer os jovens como sujeitos de direitos, contemplar suas diversidades e ampliar oportunidades para autonomia, inclusão e participação” (BRASIL, 2014b, p. 19).

Porém, no dia 1 de setembro de 2016, Dilma sofre um impeachment, e seu vice, Michel Temer, assume o poder. Ele então, vincula novamente a SNJ à Secretaria de Governo da Presidência da República, por meio da Medida Provisória 726/2016, fazendo com que o diálogo com a juventude seja feito por meio de uma articulação interministerial. E em 5 de abril de 2017, sai um decreto, que oficializa a instituição do Comitê Interministerial da Política de Juventude (Coijuv), como órgão permanente para gestão e monitoramento das políticas públicas do Governo federal para a juventude.

E entre 2016 e 2017, período que compreende a mudança de governo, é interessante destacar que em alguns momentos, as ferramentas do Participatório ficaram “fora do ar”, pois ao se clicar nessas ferramentas, abria uma página com o brasão do governo federal e a seguinte mensagem: “Essa transação foi rejeitada porque possivelmente viola a política de segurança da informação da Presidência da República. Entre em contato com o administrador do sistema para mais informações”. Todavia, a situação do site volta ao normal a partir de março de 2017, quando foram feitas visitas diárias ao portal, e se constatou que essa mensagem deixou de aparecer, normalizando o acesso às ferramentas do Participatório.

Outra mudança recente no portal, relacionada à troca de governo, foi a alteração da imagem de cabeçalho. Até o dia 29 de abril de 2017 a imagem de plano de cabeçalho era colorida, e trazia a imagem de diversos jovens. A partir da data, uma nova imagem foi colocada, a qual traz apenas as cores da bandeira nacional, conforme as figuras a seguir.

Figura 32 – Imagem antiga de cabeçalho



Últimas notícias

Eventos

Iniciativas em destaque

Programas da Juventude

ASSUNTOS

Segurança

Educação

Participatorio da Juventude>O que é?
O que é?

Tela cheia Divulgar Seguir Denúncia

O que é? 11 0

2 de Dezembro de 2014, 12:24, por Valessio Brito - | Ninguém está seguindo este artigo ainda.

Visualizado 10777 vezes

O PARTICIPATÓRIO - Observatório Participativo da Juventude é um ambiente virtual interativo com o objetivo de produzir conhecimento sobre/para/pela a juventude brasileira e à participação e mobilização social.

Participam deste espaço, além dos jovens, redes, coletivos, movimentos sociais, gestores, pesquisadores, parlamentares, todos que queiram contribuir e integrar-se às discussões propostas. O que for debatido poderá auxiliar, por exemplo, para

PARTICIPATÓRIO

O que é

Notícias

Biblioteca Digital

Centro de Documentação

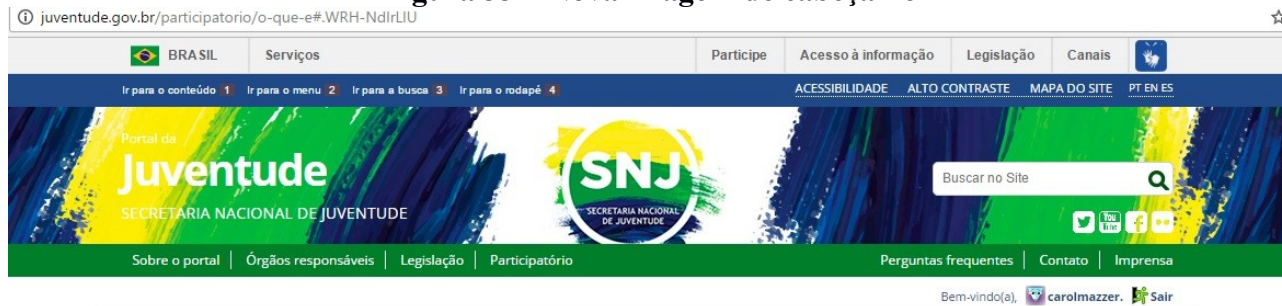
Revista Eletrônica

Boletim Juventude Informa

Rede de Pesquisadores

Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 29/04/2017.

Figura 33 – Nova imagem de cabeçalho



Últimas notícias

Eventos

Iniciativas em destaque

Programas da Juventude

ASSUNTOS

Segurança

Educação

Participatorio da Juventude>O que é?
O que é?

Tela cheia Divulgar Seguir Denúncia

O que é? 11 0

2 de Dezembro de 2014, 12:24, por Valessio Brito - | Ninguém está seguindo este artigo ainda.

Visualizado 10973 vezes

O PARTICIPATÓRIO - Observatório Participativo da Juventude é um ambiente virtual interativo com o objetivo de produzir conhecimento sobre/para/pela a juventude brasileira e à participação e mobilização social.

Participam deste espaço, além dos jovens, redes, coletivos, movimentos sociais, gestores, pesquisadores, parlamentares, todos que queiram contribuir e integrar-se às discussões propostas. O que for debatido poderá auxiliar, por exemplo, para

PARTICIPATÓRIO

O que é

Notícias

Biblioteca Digital

Centro de Documentação

Revista Eletrônica

Boletim Juventude Informa

Rede de Pesquisadores

Fonte: <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Acesso em: 09/05/2017.

A estrutura do layout manteve-se, com a mesma disposição dos menus. O que se alterou foi a imagem de cabeçalho do site. Além disso, a cor da barra principal dos menus também foi alterada de laranja para verde. Não se entrará na discussão semiótica de representação do uso das cores, porém algo que se pode depreender dessas alterações é que elas simbolizam também uma mudança de governo, que pode ser interpretada em diversos aspectos.

Todavia, uma observação importante que se deve fazer, é a de que a criação do Participatório foi uma conquista, na medida em que o site se constitui como um canal participativo e que ajuda a tornar a democracia mais cidadã. Deste modo, as funcionalidades do site deveriam ser garantidas independentemente do contexto político. Contudo, a responsabilidade do Governo com o site deve existir para garantir que as discussões feitas pela juventude, sejam usadas como base para a criação de políticas públicas para essa classe social, pois só assim a plataforma cumpriria verdadeiramente o seu papel e não seria apenas uma “válvula de escape”, que serviria para os jovens depositarem suas insatisfações, sem receberem efetivamente respostas do Governo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se anteriormente, que a participação é uma prática fundamental ao ser humano, já que este se constitui como um ser social, e desta forma, ao fazer parte de algo, interagindo e manifestando a sua opinião, isto já é participar. Entretanto, existem vários níveis e formas de participação, que vão do micro, até o macro, que seria a participação social. E com o advento da internet, possibilitou-se aumentar os canais de participação, já que agora, é possível debater, se manifestar e participar de questões sociais e políticas por meio do ciberespaço.

No Brasil, os cidadãos descobriram a rede como um canal de mobilização e participação sobretudo durante as Manifestações de junho e julho de 2013, em que redes sociais como “Twitter” e “Facebook” foram amplamente utilizadas para evidenciar as insatisfações do povo, e também serviram para que as pessoas marcassem encontros nas ruas, mobilizando-se.

Neste contexto o Participatório é colocado no ar, como uma resposta do Governo Federal as manifestações. Assim, o portal surge com a proposta de ser também um canal de diálogo com a juventude, no qual os jovens poderiam se informar, debater, e participar da vida pública. Contudo, apesar de o site ter sido feito com base nas ferramentas da web 2.0, e ter funções interativas como curtir, comentar e compartilhar, a plataforma apresenta diversos problemas de usabilidade, e muitas vezes, o acesso à conteúdos se torna algo difícil devido a desorganização do layout e a presença de links quebrados ou corrompidos.

Desta forma, observa-se que o intuito de criação do Participatório é positivo, porém, apenas disponibilizar um canal de participação para a juventude não é o suficiente para proporcionar efetivamente a participação e o engajamento do público. É necessário também, garantir que as informações do site estejam organizadas e sejam de fácil acesso, pois só assim se permitiria ter uma compreensão e participação eficaz.

Nesse sentido, é possível aferir que o site suprime ainda mais suas ferramentas informativas e participativas, após a sua migração para a plataforma da Secretaria Nacional da Juventude. E se, por um lado, a mudança ajudou a reunir todo o conteúdo sobre a juventude em apenas um local, por outro, tal mudança gerou perdas de conteúdos e de ferramentas.

Após a migração, o Participatório virou apenas uma aba dentro da nova plataforma.

Ele perdeu suas redes sociais, e conteúdos produzidos em fóruns e discussões também foram apagados. Ainda é possível criar novos debates, porém se verificou que o último tópico criado data mais de 2 anos atrás, evidenciando a baixíssima taxa de engajamento no site, após a sua migração. Desta forma, se percebe que se anteriormente o site já possuía problemas de navegação, após a mudança de plataforma, o portal peca ainda mais neste quesito, apresentando, por exemplo, menus com links corrompidos, e páginas que não abrem ou não funcionam corretamente.

Tendo isto em vista, se percebe então, que em sua atual configuração, o Participatório é algo mais decorativo do que efetivamente útil, já que suas publicações não são atualizadas, e que o site praticamente deixou de ser divulgado. Além disso, o próprio público deixou de interagir com a plataforma, o que pode evidenciar um descrédito com a ferramenta.

Para garantir a qualidade e confiabilidade da plataforma e seus serviços, seria necessário então, reformular suas ferramentas e layout, de uma maneira que garantam sua usabilidade e praticidade. Também seria importante ter a figura de um mediador, para engajar os usuários e não permitir que os conteúdos fiquem desconexos e desatualizados.

Outro ponto chave em relação ao site é a questão do acesso à internet. Para haver cidadania, há necessidade de se ter igualdade, equidade e universalidade na oferta de produtos e informações. Todavia, no Brasil o acesso à internet ainda não é um direito de todos, e em locais remotos ou mesmo em comunidades de grandes centros urbanos, não é oferecido instalação de provedores de acesso à rede. Além disso, mesmo em locais em que há oferta desse serviço, muitas vezes a população não possui recursos suficientes para adquiri-lo, e assim o acesso à internet se torna algo escasso e precário, mesmo nos dias atuais.

Assim, o acesso à informação e a participação canalizados pelos novos meios de comunicação, ajudam a ampliar o exercício da cidadania. Porém, cabe ao Estado, garantir primeiramente, as mesmas possibilidades de acesso a todos os indivíduos. Outra necessidade do Estado, é promover políticas públicas que incentivem a educação no mundo on-line. Isto porque, muitas pessoas desconhecem a potencialidade da rede, e a usam meramente como ferramenta de entretenimento. Deste modo, cabe também ao Estado não apenas criar canais de participação na internet, mas ensinar aos usuários como o ciberespaço pode ser um ambiente rico em informações e em ferramentas que possibilitam

aos cidadãos, se informar, deliberar e participar de discussões sobre a vida pública.

Conclui-se portanto, que o Participatório possui diversas limitações, e deste modo, suas ferramentas não são utilizadas em sua potencialidade. Porém, não se pode desconsiderar que a existência do site em si, como um canal participativo, já é o primeiro passo para incentivar uma democracia mais aberta e cidadã. Todavia, é necessário também, que o Governo garanta o acesso à rede a todos, já que a realização da democracia deliberativa implica no uso igualitário dos recursos comunicativos. Além disso, também é preciso que a comunicação pública digital, possibilitada pelos portais eletrônicos do Governo, seja eficaz e clara, trabalhando com uma linguagem menos burocrática e mais próxima do público-alvo. Suas ferramentas também devem funcionar perfeitamente, e suas publicações e recursos devem ser atualizados, pois só assim se garantirá efetivamente o engajamento cívico.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary. **Quebrando mitos: juventude, participação e políticas**, 1ªed. Brasília: RITLA, 2009.
- AMMANN, Safira Bezerra. **Participação social**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.
- ASSIS, Pablo de. **O que é tag?** 2009. Disponível em:
<<https://www.tecmundo.com.br/navegador/2051-o-que-e-tag-.htm>> Acesso em: 04/03/2017.
- AVRITZER, Leonardo; ANASTÁSIA, Fátima. **Reforma política no Brasil**. 1º ed., Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.
- BARBOSA, Andreza. Apud GROppo; ZAIDAN FILHO; MACHADO In: **Movimentos Juvenis na Contemporaneidade**. Editora Universitária UFPE, Recife, 2008.
- BARNETT, S. *New Media, Old Problems: new technology and the political process*. *European Journal of Communication*, 1997.
- BERNARDINI, Gleice; GOBBI, Maria Cristina. **Levante popular da juventude brasileira: saímos do Facebook**. In: *Mediação*, Belo Horizonte, v. 15, n. 17, jul./dez. de 2013.
- BLATTMANN, Ursula; SILVA, Fabiano Couto Corrêa. **Colaboração e Interação na Web 2.0 e Biblioteca 2.0**. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v.12, n.2, p. 191-215, jul./dez., 2007.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BRASIL. **Almanaque do Participatório 2013/2014**. Brasília: Presidência da República, 2014a.
- BRASIL. **Participatório: O observatório participativo da Juventude – Conceitos e Diretrizes MINUTA**. Brasília, 2012.
- BRASIL. **Relatório de Gestão do Exercício 2013 da Secretaria Nacional de Juventude**. Brasília: Presidência da República, 2014b
- BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Balanco da Gestão 2011/2014**. Brasília: Presidência da República, 2014c.
- BRASIL. Secretaria Nacional De Juventude. **Conferência Nacional de Juventude. 2011**. Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/conferencia-nacional>. Acesso em: 18 abril. 2017
- BRASIL. Secretaria Nacional Da Juventude. **Sobre o participatório**. 2013. Disponível em: <http://participatorio.juventude.gov.br/about>. Acesso em: 17/abril. 2017.

CARDOSO, Gustavo; DI FÁTIMA, Branco. **Movimento em Rede e Protestos no Brasil: Qual gigante acordou?** Dossiê Mídia, Intelectuais e Política .v. 16, n. 2, p. 143-176, mai./ago de 2013.

CASSAB, C. **Refazendo Percursos:** considerações acerca das categorias Jovem e Juventude no Brasil. PERSPECTIVA, Erechim. v.34, n.128, p. 39-51, dezembro de 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** Volume 1. 9ª Ed. São Paulo: Paz e Terra,2006.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet.** Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

COSTA, Antônio C. G. **Protagonismo juvenil:** adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

DAGNINO, Evelina. “¿Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?” En Daniel Mato (coord.), Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004 pp. 95-110.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo C. **Jovens no Brasil:** difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. 2003. Observatório Jovem. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/observatoriojovem>> Acesso em: 4 set. 2016.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DEMO, Pedro. **Política social, educação e cidadania** 3. ed. Campinas: Papirus, 2000.

DINIZ, Iara Gabriela Faleiro; CALEIRO, Maurício. **Web 2.0 e ciberativismo:** o poder das redes na difusão de movimentos sociais. Cambiassu – edição eletrônica - Revista científica do departamento de comunicação social da Universidade federal do maranhão - ufma - issn 2176 – 5111, São luís MA, 2011.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA 2013. **Pesquisa Juventude Conectada.** São Paulo: Fundação Telefônica, 2014.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** Revista Brasileira de Educação. v.16 n.47maio-ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>

GOMES, W. Internet e Participação Política. In GOMES, W.; MAIA, Rousiley C. M. (Org). **Comunicação e Democracia: problemas e perspectivas.** São Paulo: Paulus, 2008.

GROPPO, Luís A.; FILHO, Michel Z.; MACHADO, Otávio L. **Movimentos Juvenis na Contemporaneidade.** Editora Universitária UFPE, Recife, 2008.

HABERMAS, Jurgen. **Participação política.** In: CARDOSO, F.H. e MARTINS, Carlos Estevam. Política e sociedade. São Paulo: Nacional, 1983.

IBASE, Pesquisa sobre juventudes no Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.ibase.br/userimages/Brasil_ultimarev.pdf> Acesso em 12 set. 2016.

IBGE. **Censo Demográfico Brasileiro 2010.** Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>> Acesso em: nov. 2016.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2013-2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99054.pdf>> Acesso em: mar. 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência** 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENSEN, M. *et al.* **Digital Media and Political Participation Worldwide: a comparative study.** Cambridge University Press: Nova Iorque, 2012.

LEMOS, André. **Cibercultura, cultura e identidade.** Em direção a uma cultura Copyleft? Contemporanea, vol.2, nº 2, p. 9-22, 2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: 34, 1993.

MACHADO, J. Alberto. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais.** Ano 9, nº 18, Sociologias, Porto Alegre, jul./dez. 2007, p. 248-285.

MAIA, G. Z. A. Análise de conteúdo e análise documental. In: MACHADO, L. M. *Et al* (orgs.). **Pesquisa em educação: passo a passo.** Marília: Edições M3T Tecnologia e Educação, 2007.

MAIA, R. C. M. Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política. In: MAIA, R. C. M.; GOMES, W.; MARQUES, F. P. J. A. (Org). **Internet e Participação política no Brasil.** Editora Sulina: Porto Alegre, 2011.

MANSBRIDGE, J. **Beyond selfinterest.** Chicago: The University of Chicago Press,

1990.

MEIRA FILHO;. Prefácio In: POERNER, Artur José. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira , 2004, p.53.

NOVAES, Regina. **Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas**. Revista Sociologia Especial – Ciência e Vida. São Paulo, outubro de 2007.

NOVAES, Regina. Prefácio. In: CASTRO Mary G.; ABRAMOVAY Miriam, **Quebrando mitos: juventude, participação e políticas**, 1ªed. Brasília: RITLA, 2009.

OLIVEIRA, Anselmo B. **Protagonismo juvenil: O programa aprendiz com gás no município de Campinas**. 2009 Disponível em:
<<http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/workshop/art15.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

OLIVEIRA, Vinicius M. C. **Protestos, Governo e Opinião Pública - Um Estudo Analítico da Resposta do Governo Federal Brasileiro às Manifestações de Junho De 2013**. Bauru, 2014.

O'REILLY, Tim. **What is Web 2.0: design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. 2005. Disponível em:
<<http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>> Acesso em: 15/02 2017.

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PERONDI, Maurício. **Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas**. Porto Alegre, 2013. Tese disponível em:
<<http://hdl.handle.net/10183/72693>> Acesso em: 18 agosto 2016.

POERNER, Artur José. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

Política Nacional da Juventude: **Diretrizes e Perspectivas**. Disponível em:
<<http://www.juventude.gov.br/conjuve/documentos/politica-nacional-de-juventude-diretrizes-e-perspectivas>> Acesso em: 4 set.2016.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

REBELO, Aldo. Prefácio In: POERNER, Artur José. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004, p. 20.

RECUERO, Raquel. **Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és**: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. Revista FAMECOS, nº 38, Porto Alegre, 2009.

RIBAS, Fábio B. **Educação e Protagonismo Juvenil**. PRATTEIN, Novembro de 2004.

RIZZINI, Irene; CALDEIRA, Paula; CALDEIRA, Alessandra; BARROS, Denise. **Juventude e participação cidadã**. XXVII International Congress of the Latin American Studies Association (LASA 2009) Rethinking Inequalities. (publicado em 2010).

RODRIGUES, Luana. **Juventude e Participação Social: espaço de lutas e conquistas**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. Tradução Lourdes Santos Machado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1978. (Os Pensadores).

SCHERER-WARREN, I. **Manifestações de rua no Brasil 2013**: encontros e desencontros na política. CADERNO CRH, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429, Maio/Ago. 2014.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Agenda Juventude Brasil** - Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013. Brasília: SNJ, 2013.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Estação juventude**: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude. Brasília: SNJ, 2014b.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Participação Cidadã de Adolescentes e Jovens**. Brasília: SNJ, 2014a.

SERNA, Leslie. **Globalización y participación juvenil**. JÓVENES, Revista de Estudios sobre juventud N°5. México, 1997.

SHIRKY, C. **A Cultura da Participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Itamar. **Protestos têm mais diferenças que semelhanças com atos do passado**. 2013 Entrevista disponível em <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Texto/Pais/Ex-lideres->

[comentam-a-nova-face-da-mobilizacao-nacional-22454.html#.WA5hDuArLIU](#)> Acesso em 24/08/2016.

SOUZA, Arão de Azevêdo; SOUZA, Cidoval Moraes. **Jornadas de Junho: repercussões e leituras**. Campina Grande/PB: Eduepb, 2013.

SOUZA, Carmem Z. V. G. **Juventude e Contemporaneidade: possibilidades e limites**. Revista Última Década, n. 20, Junho, 2004, p.47-69. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v12n20/art03.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2016.

SOUZA, Regina M. **O discurso do protagonismo juvenil**. São Paulo: Paulus, 2008

SOUZA, Regina M. **Protagonismo Juvenil**: o discurso da juventude sem voz. Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade, p. 1-28, 2009.

SPOSITO, Marília. **Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil**. In: Políticas Públicas: juventude em pauta.Orgs: Freitas, Maria Virginia de; Papa, Fernanda de Carvalho,São Paulo,Cortez,Ação Educativa Assessoria-Pesquisa e Informação, Fundação Friedrich Ebert, 2008.

VALENTE, C.; MATTAR, J. **Second Life e Web 2.0 na educação**: o potencial revolucionário das novas tecnologias. São Paulo: Novatec Editora, 2007.

VIEIRA, Vivian. **O Papel da Comunicação Digital na Primavera Árabe**: apropriação e mobilização social. In: V Congresso da Compólitica, Curitiba, maio 2013.